

Trabalhador! diga
presente ao chamado da
nossa classe! Compareça às
comemorações do 1.º de Maio!

Tribuna Operária

da Luta

Cr\$40,00

ANO III — N.º 66 — 26 DE ABRIL A 2 DE MAIO DE 1982



Reação raivosa às denúncias de Ulysses Guimarães

Generais defendem corrupção e tortura

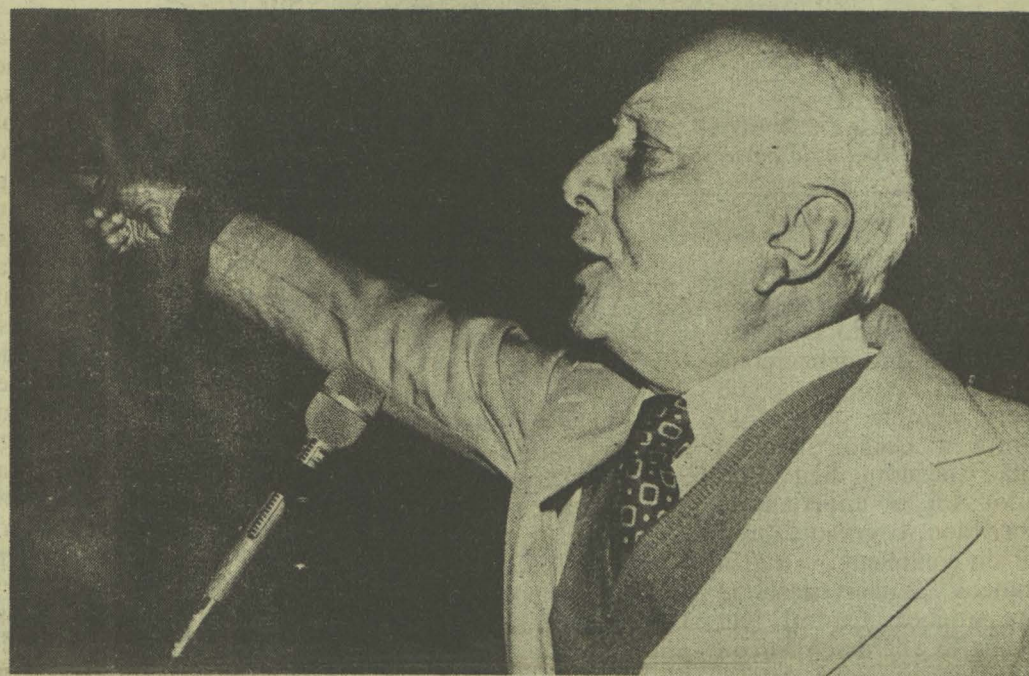
O 1.º de Maio na história da nossa classe operária

Há 75 anos ele é um dia de luta no Brasil. Página 8



Na última semana não passou um dia sem que algum general atacasse o suposto revanchismo da oposição. Tudo porque o presidente do PMDB constatou que os corruptos e torturadores serão julgados nas urnas dia 15 de novembro. Figueiredo disse que era uma "provocação". O ministro da Aeronáutica declarou-se "estarecido". Para eles os crimes passados e presentes do regime militar são um assunto intocável. Mas o povo não pensa assim.

Página 3.



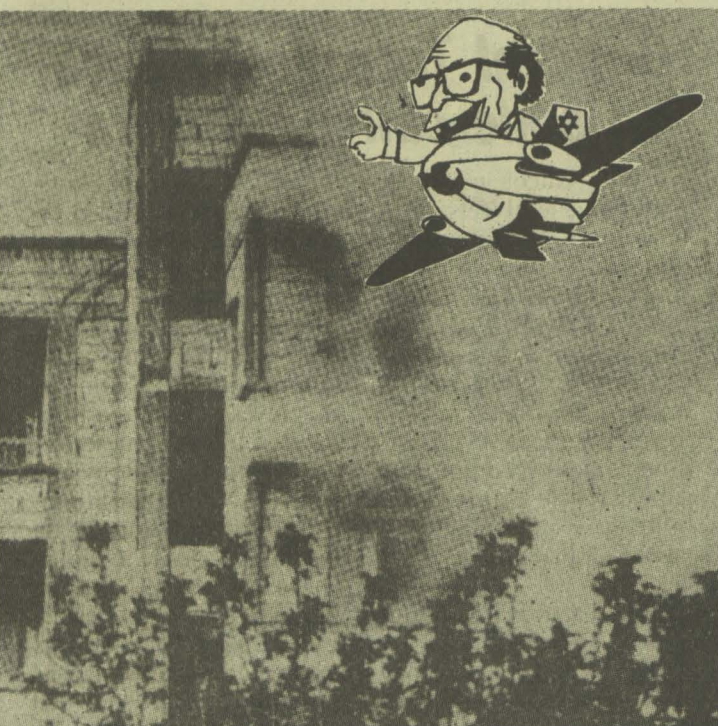
O presidente do PMDB, atacado por pedir o julgamento dos torturadores e ladrões

Fila de 275 mil disputa uma moradia

Mas o BNH anunciou que só atenderá 19 mil pretendentes. Página 5

América Central já sofreu 73 agressões armadas dos ianques!

Os marines já desembarcaram
em todos os países da área. Página 8



Prédio após o bombardeio e caricatura palestina de Beguin

Terrorista Beguin bombardeia o Líbano

A capital libanesa voltou a viver horas de pânico na tarde de quarta-feira, quando 60 aviões israelenses F-15 e F-16 (fornecidos pelos EUA) bombardearam seus arredores. O selvagem ataque deixou um saldo de pelo menos 25 mortos, na sua grande maioria civis.

O ataque desfechado pelo governo terrorista de Menahem Beguin rompe uma tré-

gua de nove meses no Líbano, após o bombardeio sionista que deixou em ruínas o populoso bairro de Fahkani, em Beirute. O pretexto invocado foi a morte de um soldado israelense quando seu veículo passou sobre uma mina, em território libanês. A Organização de Libertação da Palestina (OLP) e o governo do Líbano protestaram energeticamente contra o ataque traiçoeiro e injustificado.

EDITORIAL

O regime em julgamento

Virou moda os representantes do governo ficarem escandalizados e taxarem de revanchismo qualquer denúncia firme dos abusos que cometeram. Segundo eles, isto prejudica as eleições.

Chega a ser cômico este melindre em homens formados na caserna, muitos deles com longa convivência com os gritos dos torturados nas salas dos DOI-CODI e muitas vezes com as mãos ainda sujas de sangue.

E mais estranho é que alguns elementos que se dizem de oposição aceitam este jogo e, em nome do que chamam "debate de alto nível", limitam-se a uma campanha eleitoral e voltada para questões meramente regionais ou administrativas.

Por trás destas atitudes está em questão o verdadeiro significado das eleições e da campanha eleitoral nas condições atuais do país. Para o governo, interessa fazer das eleições uma peça decorativa, que ajude a compor uma imagem democrática do regime. Para isto admite arriscar este ou aquele governo estadual e até certo ponto o seu domínio absoluto sobre o Congresso Nacional. Em troca ameaça a oposição, exigindo que ela comporte-se "adequadamente", de forma moderada.

Mas para o povo brasileiro este tipo de eleição não interessa. Para os trabalhadores e todos os democratas, as eleições são uma parte da luta geral pela liberdade: devem servir para colocar em confronto — é exatamente isto — duas visões antagônicas de como deve ser o Brasil. De um lado, o regime militar, arbitrário, atrelado aos interesses imperialistas, incompetente e corrupto. De outro lado, um governo democrático, representativo da maioria de nosso povo e defensor da soberania econômica e política do país.

A campanha eleitoral não pode se limitar apenas ao objetivo de conquistar um ou outro governo esta-

dual e um certo número de cadeiras no parlamento. Mais do que isto, as eleições devem servir como um julgamento do regime. Por mais que isto melindre os defensores da corrupção e da tortura, as urnas devem manifestar o repúdio dos brasileiros a tudo que os generais impuseram ao país nestes 18 anos.

Não há porque a oposição se intimidar com as ameaças e abandonar as denúncias que precisam ser feitas. O povo não suporta mais a situação de fome, de desemprego, de falta de liberdade. Não tolera mais a corrupção desenfreada, as fraudes, a violência policial. O povo não vai nunca esquecer os seus filhos mortos porque ousaram defender a liberdade e exigiram uma vida melhor. O povo vai votar no combate sem tréguas às injustiças.

Os debates na televisão têm mostrado que quando os oposicionistas limitam-se a debater planos administrativos, os homens do governo encontram uma saída: falam em obras grandiosas e citam toneladas de produção e atrás disto escondem os salários miseráveis dos que trabalham e produzem todas estas riquezas.

A tônica da oposição é de denúncia intransigente e com palavras tão duras como a realidade. Não por revanchismo ou por vingança pessoal como dizem os generais. Denunciar as arbitrariedades, a corrupção e as torturas é um dever elementar para esclarecer a opinião pública e prevenir para que estes crimes não se repitam em nosso país.

As eleições, principalmente depois de 1974, mostram que o povo vota contra o regime. Na oposição, onde o MDB era dominado por conciliadores e adesistas, a preferência do eleitorado ficou com os "autênticos" que ousaram levantar bem alto as bandeiras populares.



O procurador morto; os criminosos estão soltos e certos da impunidade

Governador condecora figurão incriminado no escândalo da mandioca

A medalha da "ordem dos Guararapes" será entregue a um dos acusados na negociata que estremeceu Pernambuco e já causou uma vítima fatal: o procurador Pedro Jorge, assassinado em Recife pouco depois de afastado pelo ministro Abi Ackel.

O escândalo da mandioca na página 3

Estradas paulistas matam 50 bóias-frias por ano

Página 5

Votação maciça contra a intervenção no Sindicato

Os metalúrgicos de Santo André enterraram nas urnas os agentes do governo. Pág. 5

Seleção de Telê é boa mas está faltando Leão

Comentário esportivo. Pág. 7

A diplomacia suja no conflito das Malvinas

A aventura dos generais argentinos nas Malvinas, ainda não chegou a uma solução. Prosseguem as ameaças da Argentina e da Inglaterra, enquanto nos bastidores a diplomacia trata de acomodar as coisas. O representante dos Estados Unidos, Alexander Haig pretendia promover um acordo rápido, mas tem sido difícil acomodar os interesses e ao mesmo tempo obter as vantagens pretendidas pelos EUA.

Depois de uma semana de intensas negociações entre os governos da Argentina e da Inglaterra, o auto-nomeado "mediador" general Haig voltou a Washington um pouco contrariado. Ele pretendia que os generais argentinos aceitassem logo um acordo com base na resolução 502 do Conselho de Segurança da ONU, que favorece a Inglaterra. Mas a jogada dos

fascistas argentinos não se encaixa neste plano — eles precisavam aparecer para o povo como se fossem "defensores da pátria".

Por outro lado, o jogo do general Galtieri vai provocando novos problemas. Os preparativos militares custam à Argentina cerca de 500 milhões de dólares por dia, o que já provocou o cancela-

mento de todos os investimentos públicos planejados pelo governo. O dólar está valendo 12 mil pesos argentinos, mas no câmbio negro já está sendo vendido até a 16. O governo considera que, se obtiver a vitória nas Malvinas, conseguirá neutralizar a oposição e ganhar tempo para sair do buraco.

LUTA NOS BASTIDORES

Diante das pressões diplomáticas, os negociadores argentinos fizeram uma proposta para a Inglaterra: retirada das forças armadas de ambas as partes; formação de uma comissão dos dois países até início de 1983 para dirigir as ilhas, sob a supervisão dos Estados Unidos; soberania definitiva da Argentina sobre as Malvinas a partir de janeiro de 1983.

A Inglaterra por sua vez, diz que aceita negociar mas faz jogo duro. Tenta dobrar a Argentina pela pressão econômica, contando com a colaboração dos Estados Unidos e dos países europeus. Mas também tem dificuldade em manter uma frota tão cara em atividade no Atlântico Sul.

Enquanto isto, os Estados Unidos com seu "mediador" procuram achar uma saída rápida, para evitar desdobramentos indesejáveis, e tentam avançar no controle da política e da economia argentina. Têm dificuldades porque a URSS tem oferecido colaboração aos generais argentinos, espionando as manobras da frota inglesa e colocando-se como "defensora" dos interesses argentinos. Os dois grandes procuram tirar vantagens.

Para pressionar os Estados Unidos, a Argentina resolveu na noite do dia 19 recorrer aos países do continente americano através do TIAR (veja o box). Sabe que não é possível tirar grandes resoluções desta reunião, mas pretende usar a maioria, destes países como instrumento de pressão para obter uma posição mais favorável dos Estados Unidos.



A presença de Haig e do navio soviético no caso das Malvinas

Um tratado contra a liberdade

O Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR), ou Tratado do Rio de Janeiro, foi assinado em 1947, em Petrópolis, como instrumento da "guerra fria" contra a União Soviética então socialista. Seu inspirador foi o imperialismo americano, o grande agressor do continente — que já praticou 73 intervenções só na América Central (ver página 8) e já desembarcou tropas inclusive nas Malvinas, em 1831. E foi apelando para o TIAR que os EUA empreenderam o bloqueio a

Cuba em 1962 e a agressão a São Domingos em 1965, com ajuda de tropas brasileiras.

O TIAR não serve portanto à luta contra o colonialismo. Quando o governo militar da Argentina recorre a este tratado na sua disputa com a Inglaterra, sua intenção é fundamentalmente ganhar tempo e procurar fazer pressão sobre os EUA para prosseguir em sua manobra diversionista nas ilhas Malvinas. Dá-se poderão sair declarações vagas e formais.

Desemprego de 3 milhões dá em revolta na Inglaterra

No dia 20, enquanto a importante frota de guerra britânica continuava a caminho das Malvinas, violentos confrontos entre jovens e policiais irromperam em plena capital inglesa. Os distúrbios, no bairro antilhan de Notting Hill, foram uma resposta da população do bairro à crescente violência policial. Dois policiais saíram feridos e trinta jovens negros foram presos.

O conflito — o terceiro deste tipo em 1982 — ocorreu justamente um ano depois da grande rebelião juvenil que se espalhou por 30 cidades inglesas em abril passado. É mais um sintoma de que as coisas não andam boas na velha potência imperialista. O número oficial dos desempregados já passou a casa dos 3 milhões, batendo o recorde anterior, de 1933, quando o país estava no auge da grande depressão. O desemprego é duas vezes maior que no primeiro trimestre de 1980 e cinco vezes o do início de 1970. A taxa de desemprego é de 12,7%, atinge principalmente os jovens e só é ultrapassada no continente europeu pela Bélgica.



"Dê-nos um futuro!" exigem os jovens desempregados de Londres

Este quadro é fruto da política antipopular e recessiva da primeira ministra Margaret Thatcher. Enquanto corta drasticamente os gastos sociais em educação e saúde, ela aumenta febrilmente as despesas em armas, preparativos de guerra e aparato policial.

O PRETEXTO IDEAL

O tragicômico conflito em torno das Malvinas ofereceu o pretexto ideal para justificar toda esta política belicista. Londres logo enviou para a "zona de guerra" uma gigan-

tesca esquadra de 28 navios de guerra, que chegam a pesar 23 mil toneladas cada um, mais 25 navios de apoio e quatro submarinos atômicos. Dá para imaginar o quanto custa fazer um passeio de 11 mil quilômetros com esta comitiva. Cálculos iniciais apontam que um conflito entre Inglaterra e Argentina custaria de saída pouco menos de 8 bilhões de dólares a cada país.

A foto de capa do Maluf sendo queimado, no número passado da TO, é de Enio Brauns.



Pastora é agora um peão no jogo dos Estados Unidos

Edén Pastora faz jogo sujo dos EUA

No último dia 19, milhares de nicaraguenses saíram às ruas de Manágua pedindo a "Morte no Paredão" para Edén Pastora. Segundo a Frente Sandinista de Libertação Nacional, Pastora está usando "os mesmos argumentos do governo Reagan para atentar contra o processo revolucionário nicaraguense."

Segundo o embaixador da Nicarágua no Brasil, Ernesto Gutierrez, "Pastora agora é um peão dos Estados Unidos no xadrez de sua política externa. Suas acusações e sua atitude são uma traição muito profunda e suja. É estranho que ele faça isso agora, pois há um mês ele telefonou a um jornal nicaraguense reafirmando seu apoio à revolução sandinista".

AÇÃO REACIONÁRIA

No dia 15 de abril, Edén Pastora, que ficou conhecido como o "Comandante Zero" durante a luta contra a ditadura de Anastasio Somoza na Nicarágua, acusou os integrantes do governo sandinista

de "traidores do povo nicaraguense". Disse ainda que estava articulando um grupo para lutar pela derrubada do governo revolucionário da Nicarágua.

As afirmações de Pastora, nitidamente reacionárias, foram feitas no momento em que o governo fascista de Ronald Reagan aumenta as provocações contra a Nicarágua. Os Estados Unidos desrespeitam inclusive as águas territoriais do país da América Central, e fomentam os grupos ligados à ditadura somozista a atuarem no interior da Nicarágua. As ações reacionárias de Pastora estão sendo repudiadas pelos nicaraguenses.

A trajetória da Frente Polisário

A luta do povo do Saara Ocidental é um exemplo de movimento nacional-libertador que impõe sucessivas derrotas ao imperialismo. Com apenas um milhão de habitantes, na maioria nômades, o povo saaraui expulsou os invasores espanhóis, que contavam com o apoio norte-americano.

O Saara Ocidental fica no noroeste da África, entre a Mauritânia, a Argélia e Marrocos. Região de desertos, detém as maiores jazidas de fosfato do mundo. O povo saaraui tem uma longa tradição de luta. Ele resistiu a todas as tentativas de dominação levadas a cabo pelos sultões marroquinos, desde o século dezesseis.

HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA

Nem os colonialistas espanhóis, que ocupavam a região em 1884, conseguiram dominar os saaraui. Só em 1934, com a ajuda dos colonialistas franceses, a Espanha penetrou no território do Saara. Mas a resistência do povo nunca cessou.

Em maio de 1973, a resistência entrou numa nova etapa. Foi fundada a Frente Popular de Libertação de Saguia El Hamra e Rio do Ouro (Frente Polisário). Saguia El Hamra e Rio do Ouro são os limites norte e sul do território saaraui. A Frente Polisário, anti-imperialista, logo iniciou a guerra popular de libertação, que se prolonga até hoje.

Em 1975 a Espanha tentou uma saída neo-colonialista

para o problema do Saara, pressionada principalmente pelo crescimento da Frente Polisário. Promove, então, um tal "Partido de União Nacional Saaraui". Por seu lado, o rei Hassan inicia em novembro de 75 a grande "Marcha Verde" sobre o Saara, mobilizando 350 mil marroquinos.

INVASÃO E INDEPENDÊNCIA

Assustados com as derrotas dos espanhóis, os governos francês e norte-americano passam a defender a divisão do Saara entre Marrocos e Mauritânia. Em resposta, a Frente Polisário proclama em 27 de fevereiro de 1976 a independência do país e forma a República Árabe Saaraui Democrática (RASD). Os invasores bombardeiam o país com Napalm, provocando o êxodo de centenas de milhares de pessoas para campos de refugiados na vizinha e solidária Argélia.

ROL DE VITÓRIAS

De lá para cá a guerra popular só fez crescer. A Mauritânia teve que assinar um acordo de paz com a Frente Polisário, em agosto de 1979, reconhecendo as antigas fronteiras como limite entre os dois países. A RASD foi reconhecida por mais de 40 países e é membro da Organização de Unidade Africana (OUA), desde o ano passado. Hoje a ocupação marroquina se restringe às principais cidades, enquanto o resto do país está sob controle da Frente Polisário.

(Luís Fernandes)

El Salvador foi cena de um novo massacre

Menos de um mês depois das eleições apresentadas como a "solução" para os problemas de El Salvador, surge a denúncia de mais um massacre de camponeses por tropas do exército, dia 18 de abril. Os soldados arrancaram de suas casas 48 pessoas, na maioria mulheres e crianças. Obrigaram todos a se deitar de bruços no chão e em seguida abriram fogo.

A denúncia foi apresentada por dois camponeses sobreviventes, e a vila de Barris, onde ocorreu o crime, fica a 160 quilômetros de San Salvador, perto de Morazán, local de outra grande carnificina, há quatro meses. As tropas estavam realizando uma "operação limpeza", e desconfiam que os moradores poderiam estar ajudando os guerrilheiros.

MAIS À DIREITA

Na capital salvadorenha, a disputa das fatias do poder, entre o partido de direita da Democracia Cristã e a ultradireitista coalisão de quatro partidos que venceu as eleições

onde votou apenas a metade dos eleitores. A Democracia Cristã — não tem escrúpulos em participar do governo da ultradireita. Mas não está gostando do jogo duro dos direitistas, que já tomaram conta de todos os postos de chefia da comissão saída da farsa eleitoral.

A questão em pauta é saber se os democratas-cristãos terão dois, três ou quatro dos ministérios do novo governo. Para os problemas do povo, porém, a Junta Militar e os partidos que a apoiaram só conhece a linguagem dos massacres como o do último domingo em Barris.



Debate no Ceará: o povo entende a unidade das duas lutas

Interior do Brasil está com o povo salvadorenho

A solidariedade ativa ao povo de El Salvador ganhou um novo impulso este ano no Brasil. Não só nas grandes capitais, mas até em distantes cidades interioranas, o povo brasileiro começa a transformar em atos concretos sua grande simpatia pelo povo salvadorenho e os guerrilheiros da Frente Farabundo Martí, que enfrentam as armas dos Estados Unidos e os massacres perpetrados pelo governo da Junta Militar.

Em Cratueus, Ceará, mais de 500 pessoas reuniram-se dia 23 de março, no Clube de Caça e Pesca para discutir o problema, convocadas pelo Comitê de Solidariedade ao Povo de El Salvador, recém-lançado na cidade. No dia seguinte

a participação popular foi ainda mais forte, num ato religioso lembrando o segundo aniversário do assassinato do primaz salvadorenho Dom Romero por mercenários do fascismo.

Enquanto isso, no Maranhão, trabalhadores e representantes de diretores do PMDB de Santa Luzia, Santa Inês, Zé Doca e Turiacú aprovaram uma carta de solidariedade "à luta heróica de libertação do povo de El Salvador", ressaltando que "nós também, aqui no Brasil, lutamos pela justiça social, pela liberdade de nosso povo das garras da exploração estrangeira, pela nossa independência. (dos correspondentes)

General Torrelío balança e pode cair na Bolívia

Com poucos meses no poder o general Celso Torrelío está balançando e pode cair — como reza a tradição boliviana. Os generais David Padilla e Jorge Terrazas querem sua cabeça. O ministério renunciou coletivamente no início do mês. As classes dominantes procuram, num ritmo febril, "uma saída honrosa" — segundo as palavras de Terraza.

Mas há indícios de que está difícil. O governo Torrelío, que já foi uma tentativa de "solução honrosa" para a administração do general da cocaína, Garcia Meza, não resolveu o problema. Não só a

corrupção continua grassando, como mostra o escândalo da compra ilegal de uma fábrica de tecidos por ministros de Torrelío. Também as classes exploradas voltam a se mobilizar com intensidade. Numerosas greves agitam a Bolívia nos últimos meses. A Central Operária Boliviana — COB — continua atuante apesar de colocada na ilegalidade desde o golpe de Garcia Meza. No pano de fundo do ascenso, está a revolta popular contra as consequências desastrosas da renegociação de 460 milhões de dólares da dívida externa boliviana, realizada segundo as imposições do FMI.

Tribuna Operária

Endereço:
Travessa Brigadeiro
Luis Antônio, 53 - Bela Vista - São Paulo, CEP 01318.

Telefone:
36-7531 (DDD 011)
Telex:
01132133 TLOP BR

Jornalista responsável:
Pedro Oliveira

Conselho de Direção:
Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olivia Rangel.

Sucursais:
Acre: Rua Belém, 91 - Estação Experimental - Rio Branco - CEP 69900. Amazonas: Rua Simon Bolívar, 231-A - Pça. da Saudade, Caixa Postal 1439 - Manaus - CEP 69000. Pará: Rua Aristides Lobo, 620 - Centro - Belém - CEP 66000. Maranhão: Rua 7 de Setembro, 375 - Centro - São Luís - CEP 55.000. Piauí: Rua David Galdas, 374 - Sala 206 - Teresina - CEP 64000. Ceará: Rua do Rosário, 313 - sala 206 - Fortaleza - CEP 70000. Paraíba: Rua Padre Meira, 30 - sala 108 - Centro - João Pessoa - CEP 58000. Rio de Janeiro: Rua Venâncio Neiva, 318 - 1º andar - Campina Grande - CEP 58100. Pernambuco: Rua 7 de Setembro, 42 - 7º andar - sala 707 - Boa Vista - Recife - CEP 50000. Alagoas: Rua Cincinato Pinto, 183 - Maceió - Centro - CEP 57000. Sergipe: Rua João Pessoa, 299 - sala 28 - Aracaju - CEP 49000. Bahia: Rua Senador Costa Pinto, 845 - Centro - Salvador - CEP 40000. Av. Getúlio Vargas, 260 - sala 101 - Feira de Santana - CEP 44100. Rua Corpo Santo, 32 - Bairro dos 46 - Camacari - CEP 42800. Minas Gerais: Rua da Bahia, 573 - sala 904 - Centro - Belo Horizonte - Tel.: 224-7605 - CEP 30000. Rua do Contorno Rodoviário, 345/355 - Contagem - CEP 32000. Galeria Constância Valadares - 3º andar - sala 411 - Juiz de Fora - CEP 36100. Goiás: Av. Goiás, 657 - sala 209 - Centro - Goiânia - CEP 74000 - Tel.: 225-6689. Distrito Fe-

derat: Ed. Goiás - sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. Mato Grosso: Rua Comandante Costa, 548 - Cuiabá - Tels.: 321-5095 e 321-9095 - CEP 78000. Espírito Santo: Av. Getúlio Vargas, 247 - sala 705 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 - sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021. Av. Amaral Peixoto, 370 - sala 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubutuba, 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa, 94, Centro - CEP 13100. Paraná: Av. Winston Churchill, 2030 - sala 3 - Pinheirinho - Curitiba - CEP 80000. Rua Sergipe, 892 - salas 7 e 8 - Londrina - CEP 86100. Rio Grande do Sul: Rua General Câmara, 52 - sala 29 - Centro - Porto Alegre - CEP 90000. Rua Dr. Montauray, 658 - 1º andar - sala 15 - Caxias do Sul - CEP 95100. A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Impressa na Cia. Editora Jorjens, Rua Gastão da Cunha, 49 - Fone: 531-8901 - São Paulo

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA!

Desejo receber em casa uma Assinatura da Tribuna Operária. Para isto envio anexo um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., Travessa Brigadeiro Luis Antonio, 53 Bela Vista - São Paulo, SP - CEP 01318.

De apoio ☐ Anual (52 ed.) Cr\$ 4.000,00

Comum ☐ Anual (52 ed.) Cr\$ 2.000,00

☐ semestral (26 ed.) Cr\$ 2.000,00

☐ semestral (26 ed.) Cr\$ 1.000,00

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____

Estado: _____

Fone: _____

Profissão: _____

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

General diz que desenvolvimento traz sofrimento

Desenvolvimento significa modificação da estrutura, e isso quer dizer sofrimento para os mais humildes", afirmou o general Alzir Benjamin Chaloub, comandante da Escola Superior de Guerra. A frase mostra como os generais estão apegados ao modelo de desenvolvimento que impuseram ao país. Devido a esse modelo econômico, nunca o desemprego foi tão grande. No Brasil de hoje, as dificuldades são imensas para os mais humildes, com os baixos salários e custo de vida e inflação elevadíssimos.

Mas a política econômica imposta pelos generais não é a única possível. O desenvolvimento pode visar o bem do homem, e não o aumento da sua exploração. O desenvolvimento pode proporcionar melhores condições de vida, de lazer e de trabalho para toda a população.

BENEFÍCIO PARA O HOMEM

Acontece que o desenvolvimento só visa o homem quando o trabalhador é considerado "o capital mais precioso", como afirmava Stálin sobre a sociedade socialista. Quando os proletários assumem o poder político e direcionam a economia do país, o homem é o beneficiário, e não a vítima do processo.

Mas isso o comandante da ESG nunca compreenderá. É para defender os interesses dos imperialistas, dos monopolistas e dos latifundiários que os generais tomaram o poder. Por isso, sob a batuta deles, o desenvolvimento é, de fato, "sofrimento para os mais humildes". E é por isso que os mais humildes exigem o fim da exploração e opressão. (Luiz Gonzaga)

Tribunal Militar absolve os onze sindicalistas

Por 9 votos a 3, o Supremo Tribunal Militar decidiu, no dia 16, anular todo o processo em que a 2ª Auditoria Militar de São Paulo condenou os sindicalistas do ABC a penas de 2 a 3 anos e meio de prisão por causa da greve dos metalúrgicos, de 1980.

O julgamento teve também conotações políticas claras, já que Luiz Ignácio da Silva, o Lula, era um dos réus e, com a decisão do STM, ficou mais viável a sua candidatura do governo de São Paulo. O governo militar conta com o PT para a divisão dos votos de oposição nas próximas eleições. O próprio coronel Jarbas Passarinho, presidente do Senado, deixou isso claro, afirmando, sobre o resultado do julgamento, que "é realmente importante a participação do PT no processo eleitoral e que seu presidente possa ser candidato".

CONDIÇÃO DE REFÊM

Para o senador Teotônio Vilela, "agora terminou a condição de refém a que o governo havia submetido Lula e demais sindicalistas do ABC. Há muito tempo, tanto o governo quanto o povo sabiam que esses metalúrgicos não podiam ser julgados pela Lei de Segurança Nacional".

A decisão do STM não deixou de representar, ainda, uma derrota da Lei de Segurança Nacional, que desde que foi criada vem sendo amplamente repudiada por toda a sociedade. Inclusive recentemente, no Primeiro Encontro Nacional de Criminalistas, realizado em São Paulo, a LSN foi considerada "ilegítima quanto à sua origem, ao seu conteúdo e ao seu modo de aplicação".

O repúdio generalizado à LSN tem levado inclusive os militares a buscarem novas fórmulas para continuar reprimindo e impedindo a livre manifestação popular. O próprio general Dilermando Monteiro, atualmente no STM e que à época em São Paulo esteve bastante envolvido com a repressão aos democratas, afirmou, no último dia 21, que torna-se necessário "reavaliar a LSN, pois as condições de vida do Brasil de hoje diferem muito da situação da Nação há cinco anos. Há cinco anos atrás ocorreu a Chibcha da Lapa, em São Paulo, época em que o general Dilermando comandava o Exército neste Estado.

"Escândalo da Mandioca" envolve PDS e militares

Os envolvidos no desfalque de Cr\$ 1,5 bilhão do crédito rural em Pernambuco, o "escândalo da mandioca", continuam impunes. E são até condecorados, como o superintendente do Banco do Brasil, José Ruyter, que recebeu no dia 22 uma medalha do governador Marco Maciel.

Quando a imprensa começou a denunciar, em meados do ano passado, o desvio de verbas registrado na agência do Banco do Brasil de Floresta, cidade do sertão pernambucano, parecia mais um corriqueiro caso de corrupção. Alguns dias após, no entanto, os fatos confirmariam a existência de uma rede de fraudes, que punha a nu a desonestidade de políticos do PDS, fazendeiros, militares, funcionários do Governo e do Banco. O caso passou a ser conhecido nacionalmente como o "escândalo da mandioca".

Através da falsificação de cadastros, liberação de financiamento em nome de pessoas mortas e aplicação de verbas do Proagro em cadernetas de poupança, os implicados desviaram um bilhão e quinhentos milhões de cruzeiros. O equivalente a três vezes a receita anual de Floresta.

O plano era razoavelmente simples. Consistia em desviar os investimentos destinados ao plantio de mandioca, que dispunham de um prazo de carência de três anos. A mandioca, contudo, não seria plantada e a seca serviria de justificativa para explicar a inexistência das lavouras, alegando-se que estas haviam destruído as plantações. Por outro lado, com a seca os fazendeiros também poderiam apelar para que o Proagro libe-



Major José Ferreira: o principal suspeito

Comício em Pernambuco reúne cinco mil pessoas

Num comício com cinco mil populares no bairro de Mustardinha foram lançadas no dia 17 as candidaturas de Luciano Siqueira a deputado estadual, Eufrásio Elias a vereador e mais um bloco de quase 40 candidatos populares pelo PMDB de Pernambuco. A manifestação, bastante representativa, contou com a presença do presidente do PMDB pernambucano, Fernando Colho; do ex-governador Miguel Arraes; da deputada federal Cristina Tavares; do candidato a prefeito do Cabo, Lúcio Monteiro; do deputado cassado Artur Lima Cavalcanti; além de dirigentes sindicais e diretores de associações de bairros e estudantes. Delegações de mais de vinte bairros do Recife e 16 municípios do interior portavam faixas e cartazes.

O presidente do PMDB Fernando Colho, lançado candidato ao senado, arrancou aplausos ao proclamar que nestas eleições o povo se unirá em torno das bandeiras de "terra, trabalho, liberdade e independência nacional". Cristina Tavares, que é candidata a reeleição, disse que estas bandeiras sintetizam o grito de guerra do povo de Pernambuco.

O candidato a vereador, Eufrásio Elias, que há mais de 30 anos participa das lutas populares, salientou: "Não sou candidato de mim mesmo, mas sim do povo sofrido. Sob seu controle exercerei meu mandato". Já o médico Luciano Siqueira ao saudar os presentes declarou: "Aqui estão os homens e mulheres que sofrem mas tem esperança e por isso se unem e vão à luta. Aqui, nas ruas, forjamos a unidade das forças populares, o instrumento indispensável para fazer a ampla oposição democrática avançar. Nossa luta não é apenas para colocar Marcos Freire no governo. Ela volta-se para o futuro, para a conquista do poder pelo povo".

(da sucursal)



Procurador morto por denunciar a fraude

rasse novos recursos para cobrir os "prejuízos".

SECA NÃO AJUDOU

Mas dois fatos desviaram os rumos planejados: as chuvas inesperadas e a disputa entre as famílias Novaes e Ferras, que monopolizam o poder político e econômico em Floresta. A partir do envio de uma auditoria pelo Banco Central ao sertão, teve início a devassa, até o momento não concluída. O escândalo já culminou com o assassinato do procurador Pedro Jorge de Melo e Silva, que denunciou 25 pessoas envolvidas na fraude, destacando-se o vice-líder do PDS, o deputado estadual Vital Novaes, e o major da Polícia Militar, José Ferreira dos Anjos. Este último é o principal suspeito pela morte do procurador.

No início desta semana o deputado pedessista Carlos Elisio Caribé revelou que o assassinato foi tramado nas próprias dependências da Polícia Militar, em reunião do dia 20 de fevereiro, da qual participou o major Ferreira. Apesar de ter conhecimento prévio do plano, o deputado pedessista calou-se, compactuando com o crime.

José Ferreira dos Anjos é conhecido em Pernambuco como pistoleiro e torturador. Ele é acusado de ter assassinado o Padre Henrique, religioso barbaramente trucidado em função de seu comprometimento com as causas populares. É responsabilizado também pelo disparo que deixou paralisado o estudante Cândido Pinto, ex-presidente da União dos Estudantes de Pernambuco.

(Tereza Rozowykwiat)



Lançamento do bloco de populares foi representativo

Bloco popular empurra PMDB

O lançamento do bloco de candidatos populares do PMDB de Pernambuco no dia 17 tem importante significado político. O que merece destaque especial no comício de Mustardinha é um dado novo na ação da corrente popular dentro do PMDB pernambucano: a participação de massas. O comício foi preparado por mais de uma centena de militantes, organizados em núcleos de apoio, vinculados a diversas frentes do movimento popular.

O PMDB de Pernambuco, apesar da fama de ser um dos mais combativos e ter ressonância entre as massas, padece dos males comuns às seções dos demais estados. É limitado a pronunciamentos na tribuna e notas de protesto na imprensa, com débil inserção no movimento social de massas. Volta-se quase que exclusivamente para o objetivo eleitoral, em detrimento do combate permanente ao regime militar. As decisões são tomadas através de entendimentos de cúpula e não mediante ao debate democrático.

Na base desses defeitos está a inexistência, no seu interior, de uma corrente popular organizada, que se torne o pólo dinâmico da ação partidária. Ela é uma necessidade colocada pela realidade prática e tem uma base social concreta. Não há nenhuma incompatibilidade entre a sua existência e a unidade da frente peemedebista. Ao contrário, este é um pré-requisito indispensável para fazer esta frente avançar e para que a sua unidade não seja apenas aparente e superficial. Ela se funda e tenha um caráter combativo.

Só com a participação das bases, através de ações de massas, será possível organizar uma corrente popular consequente. A manifestação de Mustardinha aponta este caminho.

(Luciano Siqueira)



Na convenção do PMDB, Ulysses Guimarães denunciou a corrupção e os torturadores

Figueiredo irritado com o ataque aos corruptos

O presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, denunciou na convenção do partido, em São Paulo, a corrupção e a tortura que caracterizam o regime. Isso bastou para o general Figueiredo chamá-lo de provocador. Como falou a deputada Cristina Tavares, "dizer que o povo não dará anistia a torturadores e corruptos irritou o próprio presidente da República."

Durante a convenção do PMDB em São Paulo, o deputado Ulysses Guimarães afirmou: "O partido não esquece os nossos mortos, os que tombaram, os que foram assassinados e dos quais Wladimir Herzog é um exemplo em São Paulo". afirmou ainda que os filiados ao PMDB são "promotores dispostos a pôr no banco dos réus, em nome da maioria da sociedade brasileira, aqueles que mataram, que corromperam, que usurparam o poder".

No dia seguinte, 19 de abril, o general Figueiredo classificou as afirmações do presidente do PMDB de "provocação violenta, desnecessária e imotivada". O ministro da

Aeronáutica, Délio Jardim de Mattos, "horrorizado", disse que as declarações do deputado Ulysses eram um fato "lamentável". O coronel Passarinho, que preside o Senado, disse em tom ameaçador: "O que pode acontecer agora eu não sei".

INTIMIDAR A OPOSIÇÃO

O regime dos generais se mantém pela força. Para garantir a política anti-nacional e anti-popular que impõe ao país há quase 20 anos, recorreu à prisão, tortura e assassinato de democratas e populares. Não por acaso, após as declarações do presidente do PMDB, vários militares lembraram "o compromisso assumido pelo ministro

do Exército, Walter Pires, de não permitir que os que fizeram o movimento de março de 64 sejam colocados nos bancos dos réus."

O governo, além de proteger os corruptos que se locupletam com o dinheiro público, e os torturadores e assassinos de democratas, quer intimidar a oposição. Pretende que na campanha eleitoral os candidatos não denunciem a podridão do governo. Podridão que não existiu só no passado, mas que ainda permanece, como prova o "escândalo da mandioca" (veja matéria ao lado), o "caso Lutifalla", o atentado à OAB, no qual morreu dona Lida Monteiro, e a bomba do Riocentro, cujos responsáveis até hoje estão acobertados pelo governo. Tem razão o deputado Ulysses em afirmar que as eleições "serão um julgamento". E é só combatendo sem tréguas esse regime que a oposição merecerá os votos do povo.

Queda nas exportações vai dar mais recessão

Os primeiros resultados da economia brasileira em 1982 estão causando um reboliço. Ministros e empresários fazem tudo para dizer que a economia está se recuperando. Mas as exportações tiveram uma queda de 14% no primeiro trimestre. As importações também sofreram um golpe violento: caíram 29%. A recessão que estava em 1981 continua forte.

A taxa de inflação continua na faixa dos 90-100% e ameaça subir. O governo promete mais ajuda aos exportadores mas está com uma dívida interna que passa dos 4 trilhões e cresce rapidamente. Nossas reservas internacionais caíram quase meio bilhão de dólares em apenas 4 meses. As taxas de juros no Brasil chegaram a passar de 200% ao ano.

que há três anos tomavam 3,2 xícaras de café por dia, reduziram seu consumo para 1,9 xícaras. A recessão mundial chegou a tal ponto que até o Japão — último grande país a ser atingido — teve uma queda de 12% nas exportações do primeiro bimestre de 1982.

MAIS RECESSÃO

Com 70 bilhões de dívida externa, o Brasil passou a ser dominado pelos banqueiros internacionais. Em 1981 pagamos 9 bilhões de dólares, só de juros da dívida externa e mais 8 bilhões em prestações. Para pagar essa dívida o governo procura vender mais mercadorias no mercado mundial e comprar menos. Aumentar as exportações e diminuir as importações.

Em 1981 o Brasil fez um gigantesco esforço exportador e continuará fazendo em 1982. O setor exportador tem vários privilégios, não paga impostos e recebe um trilhão de cruzeiros por ano a título de créditos baratos. Com o sacrifício dos trabalhadores o governo jogou tudo na exportação. Mas o mercado mundial está em crise.

ATÉ O JAPÃO EMPACOU

No ano passado o total das exportações e importações de todos os países do mundo teve uma queda real de 9% — um fato raro. O que piora a situação é que o setor mais dinâmico foi atingido. A exportação de manufaturados caiu em mais de 13%.

Os grandes compradores dos produtos brasileiros atravessam dificuldades econômicas. Um exemplo é o Japão, o maior comprador brasileiro. O Japão não quer mais comprar produtos brasileiros. Os norte-americanos,

QUEIMANDO RESERVAS

Os países são obrigados a guardar reservas em ouro e moedas fortes para poder enfrentar uma situação de emergência e para ter uma certa segurança. Pelos padrões internacionais, as reservas de um país devem ser suficientes para pagar no mínimo três meses de importações. Este é um valor mínimo e já indica uma situação perigosíssima. Nossas reservas estão diminuindo há três anos, nesse começo de ano o Brasil já queimou quase meio bilhão de dólares. Suas reservas atuais dariam para comprar 4 meses de importações. A situação está chegando aos limites!

A diminuição das importações traz graves problemas para a economia brasileira atual. Nosso país dependente precisa importar máquinas e equipamentos de alta tecnologia para poder produzir. Até



Filas de 275 mil pessoas em busca da casa própria

Quando a Caixa Econômica Federal abriu financiamento para imóveis usados, nunca imaginaria que em apenas dois dias aparecessem 275 mil pessoas. Os 35 bilhões de cruzeiros destinados a atender as solicitações de financiamentos não dará para atender nem 20 mil pedidos. Com um déficit de sete milhões de residências no país e com a constante perda do poder aquisitivo dos trabalhadores, o problema da moradia se tornou angustiante para estas famílias. O BNH que teoricamente deveria solucionar a crescente falta de moradias, beneficiou muito mais as construtoras e agências de financiamento particulares, além de desviar suas verbas para incentivo à exportação e obras faraônicas.

O sonho de ter um casa própria a cada dia fica mais difícil de tornar-se realidade para as famílias de baixa-renda. O Banco Nacional de Habitação (BNH), criado com a meta de solucionar o problema habitacional, se mostrou ineficiente. Atualmente existe uma carência de 7 milhões de casas. Os constantes aumentos nos aluguéis já estão se tornando insustentáveis. As despesas com moradia consomem um terço do salário dos trabalhadores.

Mesmo o felizardo que conseguiu o direito a uma casa própria pelo BNH corre o risco de perdê-la ao tornar-se inadimplente, ou seja, não ter condições de pagar os abusivos aumentos nos reajustes. De agosto de 1981 a abril deste ano, o reajuste da casa própria passou de 72,8% para 91,7%, apesar da inflação neste mesmo período ter permanecido praticamente a mesma.

O BNH foi criado em 1964 e serviu mais para reativar a construção civil

do que solucionar o problema da habitação popular. Hoje o BNH é uma das maiores instituições financeiras do país, tendo cerca de 5 trilhões de cruzeiros à sua disposição. Os recursos são captados dos depósitos das cadernetas de poupança e dos recursos do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço.

Mas com tanto dinheiro, o BNH não atende nem uma parcela das necessidades da população. Em São Paulo, por exemplo, a Cohab está construindo 55 mil habitações que são disputadas por 300 mil pessoas. Nesta história quem se beneficia mesmo são as empresas privadas, principalmente as grandes construtoras. E os patrões em geral também foram beneficiados por uma portaria do Ministério do Interior que parcela em até 84 prestações as dívidas de 10 mil empresas para com o BNH. Em troca, os mutuários irão ter de pagar um reajuste maior das prestações da casa própria, com aplicação da correção monetária plena.



Conjuntos habitacionais como este de São Paulo são insuficientes para atender a grande procura

Jatinho do BNH custou o equivalente a 5 mil casas

Enquanto milhares de pessoas esperam na fila para conseguir o direito a uma casa própria, o BNH esbanja dinheiro em mordomias e em luxuosas sedes. Se para a construção das residências populares os tecnocratas do BNH usam materiais de péssima qualidade, com alegação de economia, o mesmo não acontece nas construções de suas sedes próprias. Um exemplo chocante é o do prédio de 33 andares, na Esplanada de Santo Antônio, na cidade do Rio de Janeiro.

Este edifício-sede do BNH levou três anos para ser construído e custou 10 bilhões de cruzeiros (lembre-se que as verbas para financiar as casas de 275 mil pessoas é de 35 bilhões). A fachada do prédio foi feita com 14.000 metros quadrados de cristal im-

portado dos Estados Unidos. Existe ali um teatro, um dos mais luxuosos do Rio, com paredes laterais em jacarandá da Bahia, poltronas de couro cru e com um equipamento eletrônico importado da Inglaterra.

Mas a sofisticação não acaba aí. Os diretores mandaram fazer uma sauna, uma sala de exposição de quadros e um salão reservado só para o pessoal da aviação, pois a empresa tem um jatinho particular à disposição. No ano passado foi adquirido um novo jatinho e a quantia paga por ele daria para construir mais de cinco mil casas de moradia. Talvez para aumentar estas mordomias o ministro Mário Andreazza esteja falando em reajustar as prestações do BNH a cada seis meses.

"No 1.º de Maio tem que ir todo mundo pra rua protestar"

Às dez horas do dia 19 de abril saiu a primeira caravana de sindicalistas com o objetivo de convocar os trabalhadores para o 1º de Maio da Praça da Sé. Cerca de 30 dirigentes sindicais e ativistas de base, representando mais de 10 sindicatos, encontraram-se no Sindicato dos Metalúrgicos apetrechados de carros com alto-falantes e milhares de convocatórias para a manifestações do Dia do Trabalhador.

Foi o primeiro comício nas portas das fábricas promovido pela Comissão Sindical Única do Estado. E a iniciativa, apesar da ausência de várias diretorias sindicais, demonstrou-se eficiente, tanto que nos dias seguintes novas caravanas foram feitas. Além dos comícios começam a ser colados milhares de cartazes e os muros da cidade amanhecem pixados.

A receptividade dos operários foi boa. Nas Linhas Corrente do Ipiranga, por exemplo, uma têxtil animada com a convocação afirmou: "Esse dia é muito importante para nós. Tem que ir todo mundo para rua pra mostrar para o governo que as coisas não estão boas. Que o salário está muito curto e o preço dos alimentos muito caro".

REMAM CONTRA A MARÉ

Mas o que se nota é que várias diretorias sindicais nada fazem

para tornar o 1º de Maio um dia de luta contra o desemprego, a fome e contra regime militar. Não pretendem que as manifestações sejam mais um título na construção da Central Única dos Trabalhadores.

Em São Paulo, só depois de muito esforço, diretorias atrasadas que participam da Comissão Sindical Única (CSU) concordaram que o ato na Sé não deve se restringir aos marcos do movimento sindical. Aceitaram que além da CSU e da Comissão Pró-CUT, falem representantes do movimento popular. Só que mesmo esta lista de oradores encontrou posteriormente obstáculos na reunião da CSU com as Federações. A maioria dos dirigentes das Federações, há muito afastada das lutas trabalhistas, não aceita que os Sindicatos rompam com a estrutura fascista e construam sua CUT. Falam em unidade, mas não levam em conta que a unidade se faz para luta avançar e não regridir. Neste sentido também contribuem para a divisão.

Por outro lado, ativistas ligados ao PT continuam a tomar medidas no sentido de esvaziar as manifestações da Praça da Sé. Organizam paralelamente manifestações nas várias regiões do município, fragmentando os trabalhadores. Algumas diretorias, como a dos Bancários, tentam levar a categoria para a manifestação de São Bernardo.



Dirigentes sindicais participam do comício na porta da fábrica.

Professores param as aulas em Goiás

Mais uma vez os professores públicos de Goiás foram obrigados a deflagrar uma greve geral por tempo indeterminado para conseguir o recebimento de seus salários atrasados e o atendimento de uma série de reivindicações feitas há mais de dois anos.

A greve foi deflagrada no dia 17, em assembleia dos professores, e está tendo o apoio de 60 grandes cidades do interior do Estado. Mas o governador Valadão, em seu gabinete refrigerado, se nega a negociar com os professores e mantém-se em total silêncio sobre as reivindicações da categoria.

SALÁRIO ABAIXO DO MÍNIMO

Os professores querem a aprovação do Estatuto do Magistério e do Plano de Carreira; equiparação salarial da rede estadual à federal; desconto da mensalidade do Centro dos Professores do Goiás em folha de pagamento; admissão de

professores através de concurso público e melhores condições de trabalho e ensino.

Mais de 40% dos professores ganham abaixo do salário mínimo. "As condições de trabalho são péssimas, pois os professores não têm condições de exercer suas funções de mestres. Além disso os politiquês do PDS ficam se intrometendo nas escolas e perseguindo os professores com demissões, remoções e baixas de carga horária, estendendo as perseguições até mesmo aos familiares dos professores", denuncia a diretora da Escola Salomão Clemente de Faria, Wilma Cardoso dos Santos.

Ironicamente, o bônico Valadão aplica Cr\$ 500 milhões em propaganda nos diversos órgãos de comunicação do Estado, e tem feito veicular através da televisão que no seu governo só não estuda quem não quer, "pois existe escola para todos".

(Da sucursal de Goiás)



Até passeata foi feita em protesto contra o aumento do leite

Mineiros querem o leite mais barato

"Agora nós temos é que gritar, porque gerner nós estamos gemendo há muito tempo". Com estas palavras uma dona de casa do Vale do Jequitinhonha resumiu o ânimo dos presentes à manifestação realizada em Belo Horizonte contra o novo aumento do Leite. Aproximadamente 500 moradores se concentraram nas escadarias da Igreja de São José e foram em seguida para o palácio do governo, em passeata, entregar ao governador bônico Francelino Pereira um abaixo-assinado contra mais este aumento.

Como era de se esperar, o

governador não estava, e os manifestantes foram recebidos por um secretário. Desde o dia 1º de abril, o leite está custando Cr\$ 52,00. "O leite é alimento, não queremos este aumento", gritavam os manifestantes, durante a passeata.

A Polícia Militar enviou vários efetivos, inclusive um batalhão de choque ao local. O jornal Diário da Tarde fez uma grande reportagem de capa sobre a manifestação. O seu editor foi intimado a depor, por isso.

(Da sucursal de Minas Gerais, BH)

Telecomunicação renova seu sindicato na Bahia

Após nove meses de intensa campanha de esclarecimento dos absurdos cometidos pelo pelego Saturnino, na direção do Sindicato dos Trabalhadores em Telecomunicações e Operadores de Mesas Telefônicas da Bahia, a oposição conseguiu arrebatar de suas mãos, através de uma vitória esmagadora, a direção do Sindicato.

Segundo Carlos Alberto Jazier, que encabeçou a chapa vitoriosa, "o presidente do Sindicato enviou dois de seus capangas para recolher votos antes das eleições em Juazeiro, Bonfim, Campo Formoso e

cidades vizinhas, alegando que a chapa 2 estava impugnada. Além disso, tentou comprar os votos dos companheiros de Feira de Santana".

Outro membro da chapa, Eliseu Lemes, também sofreu perseguições, chegando a ser demitido da Embratel, apesar de ter nove anos de serviços prestado à empresa. Mas de nada adiantou a perseguição. No final de toda a batalha, a chapa 2 saiu vitoriosa. Foi a vitória da "Revolução Sindical", como o próprio nome da chapa indica.

(Da sucursal de Salvador)

Conflito armado envolve posseiros no Araguaia

Sete posseiros foram presos, no Pará, após o conflito armado ocorrido no início do mês em Xinguara, sul do Estado. O conflito aconteceu na Fazenda Santa Cruz, onde moradores da região enfrentaram os jagunços do fazendeiro Alípio Cardoso. No choque armado uma pessoa morreu e oito ficaram feridas. Desde 1976 os posseiros têm problemas de terras com o fazendeiro Alípio Cardoso, na área. Segundo o advogado Paulo Fonteles, "o Getat tem pressionado os lavradores dessa região".

O Getat — Grupo Executivo de

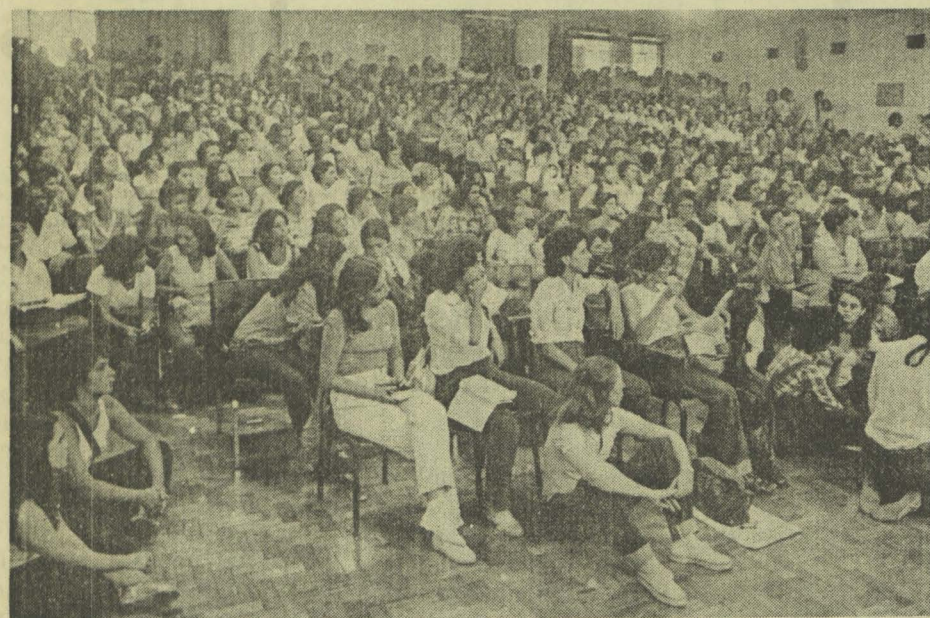
Terras do Araguaia-Tocantins, vinculado ao Conselho de Segurança Nacional — foi criado pelo general Figueiredo para cuidar dos conflitos de terras na região. No dia 10 último, o general Figueiredo prorrogou por mais 5 anos o prazo de intervenção governamental nessa região e ainda ampliou a área de atuação do Getat. Desde que foi criado, o Getat não resolveu em nada o problema dos posseiros da região, e tem sido denunciado várias vezes como um instrumento a mais na defesa dos latifundiários e dos grileiros.

Universitários mantêm a greve na UFBa

Em assembleia realizada no dia 20 de abril, os estudantes da Universidade Federal da Bahia resolveram manter a greve contra a "portaria da fome", que estipula aumentos exorbitantes nos restaurantes universitários. A greve teve início no dia 24 de março, e os universitários chegaram a ocupar o prédio da reitoria para pressionar o reitor a abrir negociações. Em resposta, o reitor chamou a polícia que, armada de metralhadoras desalojou-os, a socos e ponta-pés.

GREVE DO MANHÃO

Também os estudantes da Universidade Estadual do Maranhão realizaram greve, a partir do dia 13 último. A greve era para exigir a substituição das empresas de ônibus que servem ao campus e revogação do aumento das taxas escolares, majoradas em até 300%. A luta dos estudantes teve o apoio dos moradores de conjuntos residenciais próximos ao campus, que também se uniram aos ônibus. (Das sucursais de Salvador e São Luís)



Em vários Estados as mulheres realizam encontros para fundar suas entidades

Confederação fantasma não ajudará a mulher

A presidência da Federação das Mulheres de São Paulo, envolvendo algumas diretoras de entidades e algumas federações de mulheres de outros Estados, convocaram uma reunião para o dia 25 de abril, em São Paulo, com o objetivo de fundar uma Confederação de Mulheres do Brasil.

A reunião da executiva da Federação de São Paulo não tinha quórum: 7 de seus 12 membros não compareceram. O conjunto da diretoria, que teria atribuição de assumir a convocação, não foi sequer informado da reunião. A Federação não tinha o direito de assinar a convocação. Presume-se que nos demais Estados ocorreu processo semelhante.

Grande parte da diretoria da Federação das Mulheres Paulistas e de outros Estados não concorda com esta tal Confederação artificial. As próprias federações estaduais ainda não estão estruturadas. Baseiam-se quase exclusivamente em acordos de cúpula, e aglutinam pouquíssimas entidades de mulheres. Segundo Terezinha Zerbin, vice-presidente da Federação Paulista e ex-presidente do Movimento Feminino Pela Anistia, esta proposta de Confederação só teria fins eleitorais.

MULHERES AVANÇAM

As mulheres e os operários são hoje os setores mais disputados pelas correntes políticas. Atrair o contingente feminino da população é uma questão vital para quem visa empreender ou impedir modificações profundas na estrutura social. As mulheres representam 47% dos votantes. Nos últimos 10 anos o número de mulheres que trabalham fora praticamente dobrou. Jogada na produção, ela desperta. Mesmo quando não tem

consciência disso, começa a participar de todos os setores sociais e a lutar contra a feroz discriminação de que é vítima no trabalho, na sociedade e no lar.

PROGRAMA DE LUTA

As forças mais conseqüentes preocupam-se em traçar um programa que levante as reivindicações mais sentidas das mulheres, como direito ao trabalho, salário igual para trabalho igual, creches nos locais de trabalho e moradia, combate à violência sobre a mulher, por modificações no decadente código civil, etc. Questões essas intimamente ligadas à luta mais geral do povo, na medida em que os direitos da mulher só serão garantidos num governo que represente as forças avançadas da sociedade.

Na luta por seus direitos sociais, políticos e jurídicos, as mulheres precisam criar organizações independentes, que levem adiante esse programa, com uma orientação que corresponda à realidade que vivem hoje. Organizações amplas e democráticas, que priorizem as massas trabalhadoras e populares, como as União de Mulheres. As mulheres também precisam de organizações unitárias, a nível estadual e nacional, mas baseadas em entidades femininas, e não gerais. Os departamentos femininos, devem atrair as mulheres de uma categoria para seu Sindicato e para a luta contra as discriminações que as mulheres sofrem naquela categoria. Não devem dividir as entidades e se filiar às organizações femininas. As federações devem unir as entidades de mulheres, o que pouco estão fazendo hoje. E a confederação não passaria de um farsa, já que nem as federações hoje cumprem a contento seu papel. (Olívia Rangel)

O repúdio à intervenção sindical em Santo André

A chapa de oposição ao ex-interventor Afonso Comenale, do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, encabeçada por Miguel Rupp, venceu com 7.590 votos a eleição da entidade, realizada no início de abril. Os operários fizeram o enterro simbólico da intervenção na entidade.

O governo destituiu a antiga diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, interior de São Paulo, durante a combativa greve do ABC, em 1980. A primeira junta interventora, encabeçada por Antonio Morales e com a participação de Comenale, chegou a comandar e concorrer num processo eleitoral. Mas tão cheio de irregularidades que não conseguiu quórum. Também a divisão entre os opositores pesou nesse resultado: havia três chapas contra os interventores.

Mas na atual eleição, apesar da falta de democracia no processo de formação da chapa de Rupp, apenas 10% dos 11.545 associados deixaram de votar. Após o anúncio do resultado da eleição, os operários saíram em passeata, fazendo o enterro simbólico do período da intervenção.

LIBERDADE SINDICAL

As eleições de Santo André, e o repúdio generalizado dos trabalhadores à intervenção governamental, mostram com

clareza cristalina a necessidade da liberdade e autonomia sindical. Desde que formaram seus primeiros sindicatos, no século passado, os trabalhadores brasileiros tiveram que enfrentar os patrões e seu governo, para garantir seu direito à organização. No início, os sindicatos eram ilegais. Depois que os operários conseguiram legalizá-los, o Estado passou a intervir neles.

Com a regulamentação do sindicato através da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), o Estado, que no Brasil nunca apresentou os trabalhadores, passa a determinar o que são, para que servem e como podem ser organizados os sindicatos. A associação trabalhista deve "ser registrada nas Delegacias Regionais do Ministério do Trabalho", que decidirão se elas poderão ser ou não sindicato, após um período de funcionamento. E a CLT ainda determina como devem ser os estatutos do sindicato, quantos trabalhadores deve ter a entidade, como pode ser usado seu dinheiro e

quem pode ou não ser eleito para a sua diretoria.

Apesar de todo esse controle, o governo ainda se arvora o direito de destituir os diretores e intervir na entidade, se eles se mostrarem combativos e levarem adiante as deliberações da categoria. Não satisfeito com todo o arbítrio da CLT, o governo militar ainda tem enquadrado vários dirigentes trabalhistas na famigerada Lei de Segurança Nacional, buscando assim quebrar a combatividade dos trabalhadores e melhor servir aos exploradores.

PODEROSO INSTRUMENTO

A luta pela liberdade e autonomia sindical, não é de hoje. Desde que surgiu a CLT, os operários travam suas batalhas de classe pelo direito de livre manifestação, expressão e organização. Os patrões tentam transformar os sindicatos em entidades assistencialistas. Mas os sindicatos são a principal organização de massa dos trabalhadores. É por isso que hoje eles tratam de organizar a sua Central Única dos Trabalhadores. Um poderoso instrumento para conquista de vitórias, não só econômicas, mas também políticas. Para pôr fim à exploração e opressão.

Carlos Pompe



A Fábrica da Torre fechou as portas, deixou os operários na miséria e agora os expulsa das casas

Fábrica deixa operários na miséria em Recife

A Fábrica da Torre, em Recife, está fechando suas portas e vai deixar no abandono a maioria dos operários e suas famílias. Os donos da fábrica tem uma vila onde moravam os operários eaposentados e agora estão exigindo a entrega das casas o mais rápido possível. Um dos aposentados já deu entrada no hospital ao saber que ia ser despejado.

O causador de tanta aflição entre os operários demitidos é Jorge Batista da Silva, dono do Cotonifício da Torre (fábrica de confecções e tecidos) e um dos sócios do banco Banorte S/A. Até o ano passado a fábrica tinha 4 mil operários, mas hoje, depois das demissões, esse número foi reduzido para 300, mas que serão também despejados.

Ao lado da fábrica existe um conjunto de casas pertencentes ao industrial Jorge Batista, e onde moravam operários e aposentados. Mas desde março os moradores receberam uma carta exigindo a entrega das casas o mais

rápido possível. Para os operários que ainda estão trabalhando, a administração disse que só indenizaria ou pagaria as obrigações sociais mediante a entrega das chaves. A maioria dos aposentados, que moram lá há mais de 30 anos, entraram na justiça exigindo indenização.

José Antonio Oliveira, trabalhou 37 anos na fábrica e só parou porque ficou cego. Aposentado, está doente do coração desde 1977 e ao saber da notícia que ia ser despejado foi internado no hospital. Os aposentados ganham atualmente 9.400 cruzeiros e pagam um aluguel que varia de Cr\$ 1 mil a Cr\$ 4 mil.

Uma outra vítima dos donos da fábrica é o ex-motorista Juviano. Ele trabalhou como motorista do dono da fábrica, na época Manoel Batista da Silva e hoje está aposentado e usando um marcapasso no coração. Juviano tinha uma casa de taipa junto da fábrica. Ao construir uma vila para os operários convenceram-no a deixar sua casa e ir morar na vila até sua morte. Ao mudar, a fábrica usou seu terreno para ampliar suas instalações sem lhe dar um tostão e agora querem expulsá-lo sem mais nem menos.

A ganância dos donos da fábrica não perdoa ninguém. Um dos moradores mais antigos, conhecido por "doutor Sorvete", 88 anos, é pai de uma das aposentadas de 60 anos. Os dois foram expulsos da casa.

(da sucursal)

Operário gaúcho baleado pela PM perdeu a perna

Um dos cinco operários baleados no Pólo Petroquímico do Rio Grande do Sul, no dia 8 de abril, teve sua perna amputada sete dias depois. Calzemir Lauri dos Santos Machado foi baleado por uma espingarda calibre 12, cano serrado que esfacelou a sua perna. O tiro foi dado pelo policial Nelson, conhecido torturador. O tiro ocorreu quando 38 pedões que pediram a conta receberam o pagamento errado e foram até o escritório da empresa Ultratec reclamar. Foram recebidos à bala, pela polícia. Revoltados, dois mil

operários partiram pra cima da polícia e queimaram o escritório. (Veja Tribuna nº 65).

LUTA ORGANIZADA

Os pedões já elegeram uma comissão de 28 membros e, com a assistência do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas, foram à Delegacia Regional do Trabalho negociar junto à empresa. As principais reivindicações dos trabalhadores da construção civil do Pólo são: piso salarial de 100 cruzeiros para ajudantes; pagamento das horas viaçadas entre o alojamento e o canteiro de obras;

proibição da presença de policiais nos canteiros de obras e diminuição nos preços das refeições.

Por enquanto a empresa aceitou apenas a estabilidade para a comissão de 28 membros. Já foram apontados mais de cem casos de irregularidades na empresa. A solidariedade entre os operários é grande e os trabalhadores do Pólo lançarão a arrecadação de fundos para comprar uma perna mecânica para Lauri Machado.

(da sucursal)

Morrer na estrada é o destino do bóia-fria?

Causou grande impacto e revolta a morte no último dia 13 de vinte trabalhadores volantes, os conhecidos bóias-frias, na região de Bebedouro, no interior de São Paulo. Foi apenas fatalidade?

Viajando num velho caminhão Mercedes, que há tempos estava com os freios e a direção ruins, os lavradores caíram num desfiladeiro de 15 metros de altura. Entre as vítimas vários menores de idade. Todos eram trabalhadores temporários, sem registro em Carteira Profissional, na Fazenda Palmares, da poderosa empresa Frutesp, onde colhiam laranjas.

Mais de três mil populares acompanharam o enterro dos vinte bóias-frias. E a revolta era grande. Não com o motorista do caminhão, mas com o empregado da mão-de-obra que transportava os volantes, o gato Paulo Rosa dos Santos, que nunca se preocupou com as péssimas condições dos seus três caminhões. E, principalmente, com as condições de vida e trabalho dos bóias-frias, que levantam geralmente às cinco da manhã e retornam às 17 horas, sendo levados como gado, em caminhões sem segurança.

MENTIRA DO GOVERNO

Na mesma semana o Ministro do Trabalho, Murilo Macedo, veio a público para dizer que ficou constrangido com o acidente. E, para mostrar sua "preocupação", mandou que as Secretarias de Mão-de-Obra, Emprego e Relações de Trabalho "estudem medidas de proteção ao volante".

É sempre assim. Quando ocorre um acidente grave, que tem repercussão, o governo se apressa em dizer que resolverá o problema. Mas um levantamento no Jornal Oficial da Federação dos Trabalhadores Rurais do Estado de São Paulo, o Realidade Rural, mostra como esta preocupação é mentirosa, demagógica e visa somente acalmar a revolta pública.

Só nos três primeiros meses deste ano, além das 20 mortes de Bebedouro, ocorreram outras quatro mortes. No início de abril a volante Maria Ro-



Caminhões sem nenhuma segurança carregam o bóia fria para o trabalho ou para morte

seli Alves perdeu a vida num acidente em Boituva. No dia 17 de março a menor Maria Helena da Silva, de 16 anos, morreu num acidente na rodovia SP-305, próxima a Jaboticabal. E no dia 10 de março um grave acidente em Porto Feliz resultou na morte de dois volantes: José Maria Calixto, de 54 anos, que deixou viúva e nove filhos; e Nelson Antonelli, de 45 anos, deixando mulher e cinco filhos.

Há também um grande número de vítimas não fatais, que ficam no anonimato total. Na mesma segunda-feira, dia 13, um caminhão que transportava bóias-frias de Usina Bonfim, em Santa Ernestina, perdeu os freios e deixou 60 feridos. Quatro foram internados em estado grave.

Num cálculo "otimista", a Fetaesp estima que ocorram em média 50 casos de mortes de bóias-frias no Estado de São Paulo por ano. "Uma taxa subestimada. Já que o governo não se preocupa em conhecer estes dados", informa José Carlos, editor do Realidade Rural.

ESTRUTURA AGRÁRIA

São inúmeras as razões do faleci-



Crianças bóias-frias ajudam a família

Saque mostra o desespero dos sertanejos de Sergipe

Cerca de 150 flagelados da seca realizaram saque a dois armazéns no município de Canindé, Sergipe. A notícia foi uma bomba. Toda a máquina governamental foi mobilizada para tentar desmentir os fatos.

O governador Augusto Franco não está conseguindo esconder a grave situação dos sertanejos e a distância entre os projetos oficiais e as necessidades do povo.

No domingo, 11 de abril, os moradores do povoado Capim Grosso, em Canindé-SE, saquearam um armazém e um supermercado. Eram aproximadamente 150 pessoas, que dentre as milhares do município, vinham exigindo uma ajuda para enfrentar a seca, sempre negada. Após retirarem todos os alimentos dos dois armazéns, marcharam para a residência do prefeito, Manoel Conceição, que foi obrigado a comprar farinha e feijão para todos.

SITUAÇÃO DESESPERADORA

No dia seguinte o prefeito conseguiu autorização do Secretário de Assistência aos Municípios, Martinho Bravo (grande proprietário de terras no município vizinho, Poço Redon-

do), para o cadastramento de trabalhadores para abertura de frente de serviço.

Sem terra, sem trabalho e sem comida, a situação dos trabalhadores é desesperadora em todo o sertão sergipano. Já no final do ano passado os trabalhadores de Porto da Folha ameaçaram saque, pelo atraso do pagamento nas frentes de serviço. Assembléias com a participação de até 500 sertanejos são realizados em Poço Redondo, onde o dirigente sindical Dionísio já foi ameaçado de morte três vezes.

AFILHADOS DO PDS

Só agora, depois de nossa manifestação, é que as autoridades estão se preocupando com nosso sofrimento", disse um dos manifestantes de Canindé. Mas todos são unânimes em reconhecer que a frente de serviço não dá nem para amenizar, pois o número de trabalhadores sem trabalho é muito maior, a frente paga um salário baixo, não emprega mulheres e favorece os afilhados do PDS.

Desde o ano passado que os sindicatos de trabalhadores rurais de G. Cardosos, Itabi, Lourdes, Gararu, Porto da Folha, Monte Alegre, Poço Redondo e Canindé exigem das auto-

mento de tantos bóias-frias. O govno não cumpre o seu dever de fiscalizar, deixando os volantes serem transportados em carrocerias de caminhões, o que é proibido por lei. Os gatos, empreiteiros de mão-de-obra para as fazendas e empresas, só tem como preocupação tirar uma parte dos minguaos salários dos volantes, transportando-os em caminhões velhos.

Mas a razão de fundo do problema está na estrutura agrária do país, que só beneficia os latifundiários e as grandes empresas. O próprio bóia-fria é mais uma fonte de lucro para eles. Afinal, não tem direito algum, não é registrado em carteira, não recebe domingos, feriados e horas-extras. E, como trabalhador temporário, só é admitido na época de safra. Depois fica desempregado a maior parte do ano.

Segundo cálculos do IBGE, existem em São Paulo cerca de 450 mil bóias-frias. A renda familiar é irrisória. Pesquisa de amostragem feita na Alta Sorocabana mostra que 90% das famílias possuem renda inferior a 60% do salário mínimo familiar. Isto leva a deformações. Segundo o engenheiro agrônomo Antonio Pinazza, a altura dos meninos Bóias-frias é menor do que em 10, 15 e até 20 centímetros que a normal, devido à subnutrição. O que é um dado alarmante, pois em São Paulo há cerca de 20 mil crianças com menos de 15 anos trabalhando como bóias-frias.

PARECE UM CEMITÉRIO

Há três anos não chove no interior de Sergipe, e 58 municípios estão em estado de emergência. Agravando-se o êxodo rural e o sertão mais parece um cemitério: morrem cerca de 40 cabeças de gado por dia, calcula-se uma perda de mais de 50% do rebanho do Estado. Três proprietários de gado já se suicidaram. Os prefeitos não dispõem de recursos para sustentar por muito tempo as medidas paliativas, comprando remédios e alimentação.

Já viu seca igual a essa? Já, em 1932. Nunca vi foi governo igual a esse", respondeu uma velha sertaneja. E perguntou: "Até quando vamos agüentar isso?"

(João Bosco, da sucursal)

Loteamentos clandestinos proliferam em Suzano

Ser hoje oposição autêntica neste país é uma árdua tarefa. Sou vereador e presidente do PMDB em Suzano. Quando fui eleito, tinha a esperança de fazer muito pelo povo que me elegeu, principalmente a classe operária, que com seu apoio me deu o privilégio de ser o vereador mais votado do MDB. Qual não foi minha surpresa! Depois da posse, vi que estava limitado a fazer indicações e requerimentos, aprovar ou não o orçamento, mas sem o direito de melhorar as coisas em benefício da população. Quantas injustiças são feitas e a gente amarrado por uma legislação imoral nada pode fazer!

O maior problema que temos hoje em Suzano são as imobiliárias inescrupulosas que vendem lotes neste município. Existem casos graves. A lei que regulamenta os loteamentos aqui não é cumprida, com anuência da prefeitura. Quero crer que quando alguma imobiliária quer lotear uma área todos os trâmites legais têm que ser cumpridos com antecedência. Aqui é o contrário. A imobiliária lo-

PREFEITURA MUNICIPAL DE SUZANO			
IMPOSTO PRECATORIAL, TERRITORIAL, URBANO E TAXA DE LIMPEZA PÚBLICA			
1982			
4.ª Prestação			
DIRETORIA DE FINANÇAS		RUA GAL. FRANCISCO GLICÉRIO, 1334	
DADOS DE VENCIMENTO DAS PRESTAÇÕES			
1.ª PRESTAÇÃO	2.ª PRESTAÇÃO	3.ª PRESTAÇÃO	4.ª PRESTAÇÃO
30/06/82	31/07/82	31/08/82	
CONTRIBUENTE		DATA DE EMISSÃO	
128 15		20/02/82	
NOME DO PROPRIETÁRIO		NOME DO COMPROMISSÁRIO	
RODRIGUES JUNIOR			
LOCAL DO IMÓVEL		BARRIO	
SARETH			
NOME DO PROPRIETÁRIO		NOME DO COMPROMISSÁRIO	
RODRIGUES JUNIOR			
LOCAL DO IMÓVEL		BARRIO	
SARETH			
NOME DO PROPRIETÁRIO		NOME DO COMPROMISSÁRIO	
RODRIGUES JUNIOR			
LOCAL DO IMÓVEL		BARRIO	
SARETH			

A cobrança do imposto, que os moradores é que pagam.

teia, vende e a prefeitura nem "fica sabendo". No Jardim Margaret, por exemplo, foi vendido lote por lote. Existe na justiça uma briga pela posse de parte desta gleba. Os moradores receberam um contrato "frio" e começaram a lutar pela legalização de suas propriedades. Quando a bomba estourou, o prefeito disse que o loteamento não existia! No entanto, já tinham sido construídas quase cem residências. E a imobiliária estava cobrando impostos dos infelizes compradores. Mas o governo municipal "legalizou" a cobrança de impostos,

em nome do sr. José Rodrigues Junior. E os moradores continuam sem prova de compra do lote e pagam o imposto para o proprietário.

Este não é o único caso existente em Suzano. Existem vários loteamentos, como o da Vila Fátima, de responsabilidade da Sullivan, que até um irmão do prefeito faz parte. Denunciei na Câmara a emissão de recibo de imposto, pedindo esclarecimento ao prefeito, que até agora nada respondeu. (Vereador Francisco Nunes, presidente do PMDB de Suzano, SP)

Chefe de segurança da Sabó parece o Kung Fu

Os operários da Sabó Indústria e Comércio, empresa metalúrgica fabricante de retentores, localizada no bairro de Água Branca, na zona oeste paulista, estão bastante revoltados com o chefe de segurança — o Koga, a quem o pessoal chama de "Kung-Fu".

Ele, que é descendente de japonês, utiliza-se de métodos violentos no seu relacionamento com os trabalhadores. Só anda com armas à mostra, dentro e fora da fábrica. Calunia os funcionários, persegue quem não se curva às suas ordens arbitrárias, faz de tudo para irritar o pessoal e



arrumar motivos para dispensas por justa causa.

Achamos que é hora de se dar um basta a este Koga,

testa-de-ferro dos patrões e inimigo jurado de todos os operários. (Um operário da Sabó, SP)

Secundaristas repudiam abuso do diretor no João Alfredo

Nós, estudantes do Colégio João Alfredo, vimos a público esclarecer os acontecimentos recentes em nosso colégio. Há algum tempo convivemos com a incompreensão total da diretoria, que insiste em não escutar as justas reivindicações dos alunos. Além das salas em péssimas condições de uso, nos faltam professores e liberdade de manifestação e organização. A diretoria

não nos deixa construir um Centro Cívico.

A partir do início de março esbarramos mais uma vez com a arbitrariedade. Esquecendo a real situação econômica da maioria dos alunos, o Diretor exigiu que todos os estudantes possuíssem três tipos de camisas e dois de tênis. Insatisfeitos com esta exigência, nós entramos em greve e fizemos uma passeata com cerca de 700 colegas. A

união dos alunos obrigou o diretor a prorrogar o prazo de mudança de uniforme por três meses.

E hora de chamarmos os colegas de outros colégios, para juntos lutarmos contra a repressão dentro das escolas e contra o abandono, por parte do Governo, do ensino e da educação em nosso país

(Grupo de alunos do Colégio João Alfredo, Rio de Janeiro)

Funcionários público hoje é um coitado



Os mais prejudicados São da área hospitalar; Falando ninguém acredita; Nem é obrigado a acreditar; Quando recebe o holerite de pagamento, tem vergonha de mostrar.

Quantas pessoas trabalham, à noite, domingo e feriado sem adicional noturno sendo mal remunerado. E quando se reclama, fica sendo visado.

Como cuidamos da saúde muito mal remunerados. Pedimos ao nosso prefeito, para que seja planejado a condução gratuita, aos domingos e feriados.

Não tenho receio de trabalhar em qualquer enfermagem. Só tenho medo de um fantasma, que é a barriga vazia! Isto faz medo a qualquer um, seja à noite ou durante o dia.

A coisa é uma tortura, garanto que não tem jeito, é um jogo de empurra, empurra entre o governo e o prefeito. E o que acontece com os Barnabés, é uma falta de respeito.

A prefeitura está ruim várias são as consequências. Enquanto reforma o hospital, aumentam as espécies de doenças. E os Barnabés lutando por melhor salário sendo pressionados, recebendo advertência.

Autor: José Mota — Hospital do Tatuapé — São Paulo, SP)

Não sou nem um poeta muitos menos escritor; Tenho apenas um dom Divino dado pelo criador. O errado eu critico... O certo, admiro e dou valor.

Antigamente trabalhar na prefeitura era honra e privilégio; Hoje a vaca foi pro brejo, e a estabilidade não é segura; não ganhando para o pão vivemos dando tremura.

Falta de assistência causa morte em S. Luis

Venho através deste jornal denunciar que os internos da Santa Casa de São Luis, morrem à mingua e por falta de assistência médica. No dia 9 de fevereiro internei a minha mãe na Santa Casa de São Luis pelo Funeral, em perfeito estado de recuperação. Depois de 34 dias ela siu de lá morta.

Aqui no Maranhão a chamada Previdência Social (que nada previne) está uma desgraça. Falida e faminta, não tem medicamento e nem alimento para seus pacientes, são fatos que mostram a incompetência dos seus administradores. O médico Antônio Adade é um verdadeiro ladrão da Previdência aqui no Maranhão, pois este homem só vive em jantares luxuosos e voando aos céus de Brasília em busca de dinheiro que não aparece. E tem mais: ele se utiliza do dinheiro da Previdência para fazer campanha política para se eleger deputado federal pelo Partido dos

Depositantes na Suíça, PDS.

Enquanto ele faz tudo isso, na Santa Casa, um hospital que mantém convênio com a previdência e possui 400 leitos, os pacientes passam fome e sofrem falta de assistência médica. Este hospital é conhecido como um dos melhores de São Luis, mas na verdade ele só tratou bem foi o José Sarney, quando lá esteve internado do coração.

Eu escutei o diretor do hospital dizer a uma paciente que lhe reclamou das condições em que se encontrava aquele local, que a Previdência devia ao hospital 300 milhões de cruzeiros e não podia melhorar. Eu pergunto: alguns daqueles pacientes é culpado dessa situação? Foram eles que geraram o rombo da Previdência ou foram os seus diretores e administradores ladrões e incompetentes? Pois são os mesmos que moram em mansões de 40 quartos.

(L.N.F. - São Luis, Maranhão)

Gado do prefeito vive melhor que o povo

O fim desta é pedir aos companheiros da Tribuna para divulgar as barbaridades feitas pelo sr. Renê Reinam, prefeito desta cidade. A história começa quando em 1976 este homem passou a administrar esta prefeitura. A primeira coisa que fez foi uma mansão na entrada da cidade, onde mora. Em seguida fez a casa do sr. Alberto, médico da cidade.

Com promesas de melhorar o lazer do povo de Virgolândia, acabou destruindo duas quadras esportivas da cidade, e até hoje não foi feito nada no local.

Enquanto a fazenda do sr. Reinê está cheia de gado, o povo desta cidade passa por privações. Exemplo disso são as dificuldades que passam os moradores da rua Nova, onde não há rede de esgotos e nem água da Copasa. Os moradores desta vila também enfrentam péssimas condições de moradia. Um morador da Rua Nova foi pedir ao prefeito para



tirar de sua porte um monte de lixo que estava ali há muito tempo. A resposta foi na pinta: "Vá a minha casa e olha se eu moro na favela!".

Uma outra característica da administração deste prefeito é a de usar a polícia para reprimir a liberdade dos jovens desta cidade. Um exemplo é que policiais mandados pelo prefeito foram às 22 horas acabar com a festa dentro da casa de um morador! (Um leitor da TO em Virgolândia, Minas Gerais)

Coca-Cola demite um dirigente sindical

Foi criada recentemente a Associação dos Trabalhadores da Indústria de Divinópolis e Mateus Leme, tendo conseguido a adesão de toda a categoria. Porém, a indústria Refrigerante Divinópolis Ltda. (Coca-Cola), que se instalou nesta cidade o ano passado, ao que parece, desconhece a estabilidade que a diretoria da entidade adquiriu com o registro no DRT, garantia esta prevista pelo artigo 54, § 3º da CLT. A fábrica deimitiu sumariamente no dia 20 de fevereiro o primeiro suplente da diretoria, Júlio José e também se negou até hoje a pagar o que tem direito este trabalhador.

No dia 22 de fevereiro a Associa-

ção enviou carta à direção da empresa e posteriormente procurou várias vezes a mesma, tentando resolver a questão da melhor forma possível. Mas o chefe do Departamento Pessoal disse ao representante da entidade que só resolverão o caso na justiça pela falta de diálogo e de abertura que a direção da Coca-Cola tem mostrado. Pedimos o apoio de todos os trabalhadores e demais setores da sociedade e reivindicar a imediata readmissão do nosso diretor.

(Associação dos Trabalhadores nas Indústrias de Bebidas de Divinópolis e Mateus Leme — Divinópolis, Minas Gerais)

Monitores do Mobral lutam por direitos trabalhistas

Na última formatura dos educandos, dia 21 de março, no Anhembi, o que vimos novamente foi uma festa pré-montada com gosto de coisa falsa e cheirando a PDS. Novamente o mesmo prefeito de sempre e sua gang montaram uma cerimônia para 3 mil e 500 formandos, com excesso de figuras digníssimas e ilustríssimas e um show com artistas decadentes.

Há de se ressaltar no entanto uma novidade: para espanto de todos, uma aluna do Mobral ao pegar o microfone levantou com muita firmeza a reivindicação de supletivo gratuito. Reivindicação tida como plenamente justa, inclusive pelo sr. Wilson Quintela, da Coordenadoria do Bem-Estar Social, COBES. Surgiram faixas e cartazes alusivos ao tema.

O que esta pomposa festa não conseguiu esconder é a situação dos monitores, tida como a mais injusta da área de educação e agora recentemente no quadro dos funcionários públicos.

Os monitores, depois de vários anos de luta e desespero finalmente conseguiram a assinatura de um contrato. Mas esse contrato não satisfaz os monitores do Mobral por ser provisório e poder ser rescindido a qualquer momento. Pela preferência operacional, os monitores vão ganhar 17 mil cruzeiros por mês.

Nota-se que apesar do descontentamento ser geral na categoria, os monitores nada podem fazer pois são



intimidados a assinar o contrato sem poder reagir, pois cada monitor tem que ir até a COBES individualmente, enfrentando todo o aparato. No entanto a COBES não contava com que os monitores reagissem nas bases. E eles estiveram em greve em várias regiões como São Miguel, Lapa, Itaquera, Vila Maria, Vila Guilherme. E agora a COBES? (Um monitor do Mobral, leitor da Tribuna Operária — São Paulo, SP).



fala o POVO

Neste número recebemos muitas cartas sobre as condições de moradia do povo. Em Suzano, Vila Nagib e outros locais, agrava-se o problema dos loteamentos clandestinos. E o povo fica, como no campo, sem direito a terra e sem teto. Como se vê, o problema da terra afeta também os moradores das cidades. A reforma agrária interessa a todos os trabalhadores, das cidades e do campo.

Continue escrevendo, amigo leitor. Esta seção é sua. Faça nela sua denúncia, seu apelo ou dê sua opinião. Estamos a sua disposição!

(Olivia Rangel)



O médico Pedro Hugo, candidato do povo

Povo de Garanhuns apoia candidatura progressista

É crescente o apoio do povo de Garanhuns à candidatura do médico Pedro Hugo à prefeitura pelo PMDB. Com a participação ativa de mais de 3 mil pessoas foram realizadas neste ano mais de 40 reuniões, tanto nos bairros como na zona rural.

Nestas reuniões, que contam com a presença de candidatos do PMDB e líderes oposicionistas da cidade, é apresentada a proposta de governo popular e discutida com o povo, que demonstra muito interesse com sua participação nos debates.

Antes do lançamento oficial da candidatura de Pedro Hugo e dos vereadores do PMDB de Garanhuns, a campanha continua, rua por rua, discutindo a proposta de prefeitura popular e ouvindo o povo para que se possa formular o programa de governo.

(Marcos Tenório - candidato a vereador Garanhuns, Pernambuco)

Transpampa prende e demite operário

Durante a campanha salarial dos motoristas, cobradores e transportadores de carga de São Paulo, foram presos vários companheiros distribuindo boletins. Eu também fui preso e levava alguns materiais do Partido Comunista do Brasil. Fui interrogado na própria firma. Em seguida, fui encaminhado à delegacia de polícia e em seguida para o DOPS, onde fui agredido a tapas. E depois de tudo fui dispensando por "justa causa".

Agora pergunto: porque não tinha direito de ler os materiais de um partido político? Porque o PMDB, o PT, o PDT e principalmente o PDS podem fazer propaganda de suas idéias e o Partido Comunista do Brasil é proibido de se expressar? Além disso, onde está a "justa causa" para minha demissão? Por que é proibido ler um material que recebi, achei interessante e considero que os trabalhadores devem conhecer? Isso mostra a falta de liberdade em que vive a classe operária.

(E.A.S. - ex-operário da Transpampa, São Paulo, SP)

Candidato do PT prefere perder as eleições

Fiquei estarecido ao ouvir, numa palestra sobre as eleições, promovido pelo Centro Acadêmico de Ciências Sociais da Universidade Federal, o candidato do PT a deputado federal, Gilvan Rocha, dizer que se seu partido ganhar as eleições "vai ser um desastre", porque o Partido não está "preparado para administrar a máquina burguesa". E disse ainda que a classe operária "não precisa de partido para se libertar".

Então eu pergunto: Pra que serve o PT? Pelas afirmações do candidato, conclui-se que o PT não serve para ganhar as eleições como também não serve para libertar a classe operária do jugo capitalista. Então para que serve? Para colaborar com o PDS dividindo as oposições.

(Um colaborador da TO em Fortaleza, Ceará)

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Socialismo e Comunismo

A revolução socialista difere de todas as anteriores. Nesta revolução são os trabalhadores, que tomam o poder e eliminam a propriedade privada sobre os meios de produção — liquidam assim com a própria causa da divisão da sociedade em classes, em explorados e exploradores. As máquinas, as minas, as terras, os transportes, os meios de comunicação, passam à propriedade **comum** da sociedade. Neste sentido a sociedade é **comunista**. Mas na primeira fase, este comunismo é ainda incompleto.

Na primeira fase da sociedade comunista, que Marx chamou de socialista, ainda restam as heranças da velha sociedade capitalista. A própria burguesia continua com a posse de grandes riquezas, tem mais instrução e mais experiência, tanto na arte de governar como na luta política e militar. Os explorados tentam por todos os meios recuperar o poder perdido. Por outro lado, existem ainda grandes diferenças entre todas as outras classes e camadas sociais: entre o trabalho físico e o trabalho intelectual, entre os camponeses e os operários, entre o grau de instrução e de especialização dos trabalhadores, etc...

SOCIEDADE SEM CLASSES

Na fase socialista, o Estado, sob direção do proletariado, precisa dirigir as transformações nas forças produtivas: organizar a industrialização socialista de acordo com as necessidades dos trabalhadores e não de acordo com os lucros dos capitalistas: promover a coletivização da agricultura, convencendo os camponeses, pela sua própria experiência, da superioridade da propriedade socialista sobre a propriedade individual. Organizar as cooperativas e as fazendas estatais, dotar a produção agrícola de maquinário moderno e técnicas avançadas.

O estado ainda precisa fiscalizar para que se cumpra uma norma básica do socialismo: "quem não trabalha não come". E assegurar que cada um receba para trabalho igual uma quantidade igual de produtos. Cada um trabalha de acordo com a sua capacidade e recebe de acordo com o seu trabalho. Mas como as pessoas são desiguais, uma tem mais força que a outra, ou tem mais filhos e assim por diante, esta **forma de repartição** dos produtos é ainda um resto da velha sociedade. Com o desenvolvimento das forças produtivas, a produção será em grande abundância. E com o desenvolvimento da consciência social, ninguém mais trabalhará por imposição mas por compreender o trabalho como um dever elementar. Com estas condições, na segunda fase, chamada propriamente comunista, os homens repartirão os produtos de acordo com a necessidade de cada um.

Enquanto existem as diferenças entre as classes e camadas de classe, existem diferenças de **interesses**. E é indispensável o Estado sob a direção do proletariado, para dirigir a organização da economia socialista e para promover a luta contra as idéias burguesas e outras mazelas como a vadiagem e a criminalidade. Com a realização destas tarefas, as classes e as lutas de classes vão sendo eliminadas. O Estado vai perdendo a sua função e vai se extinguindo. No comunismo não existem mais classes e não existe mais Estado.

Os revisionistas negam a necessidade da ditadura do proletariado durante **todo** o período de transição entre o capitalismo e o comunismo. Eles dizem que a partir de certo ponto, o Estado é *de todo o povo*. Na verdade, com esta tese pretendem privar o proletariado dos mecanismos políticos para exercer sua direção durante esta transição. Como aconteceu na União Soviética, o chamado Estado *de todo o povo* é uma máscara para encobrir a traição à revolução, a restauração do poder burguês e da exploração capitalista. A seguir: autogestão, falso socialismo.



Tiradentes, a vida por uma pátria independente

Há 190 anos era enforcado Tiradentes, herói do povo, líder da Inconfidência Mineira, um movimento que visava libertar o Brasil da exploração portuguesa. Devido à delação de Silvério dos Reis, os inconfidentes foram presos. Os reis de Portugal mandaram enforcar Tiradentes, para intimidar o povo em sua luta por liberdade.

Em 1779 aconteceu na atual cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, o primeiro movimento revolucionário brasileiro de caráter nitidamente emancipatório, a Inconfidência Mineira. O movimento surgiu no meio de proprietários rurais e sobretudo do setor de mineração, que insatisfeitos com a exploração feita por Portugal, levantaram-se contra diversas restrições, como a já inexistente liberdade de comércio, proibição de produzir qualquer tipo de manufatura, etc.

A grande atividade mineradora possibilitou a alguns proprietários rurais e de mineração o envio de seus filhos para estudar na Europa. De lá, traziam as idéias revolucionárias sob o signo das palavras "Igualdade, Liberdade e Fraternidade".

O descontentamento com a exploração exercida por Portugal levou à idéia do movimento de Vila Rica, o antigo nome de Ouro Preto. Quando Portugal impôs um tributo extraordinário, a Derrama, os revolucionários resolveram desencadear a Inconfidência Mineira. O comando operacional e militar da rebelião foi confiado ao alferes (oficial da milícia) Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. A bandeira do movimento trazia a frase "Libertas, Quae Sera Tamen" — Liberdade, ainda que tardia.

Os revolucionários de Vila Rica eram todos instruídos, e cultos, de situação econômica privilegiada e projeção social. A grande massa de colonos espoliados e de escravos não chegou a se incorporar no movimento. Mas a Inconfidência Mineira ficou registrada na história como um movimento pela liberdade, pelo fim da exploração colonial.

Com a delação de Joaquim Silvério dos Reis, os inconfidentes foram presos. Alguns expulsos do Brasil. Tiradentes executado. (Luís Sérgio, da Bahia)

O triste fim do delator Joaquim Silvério dos Reis

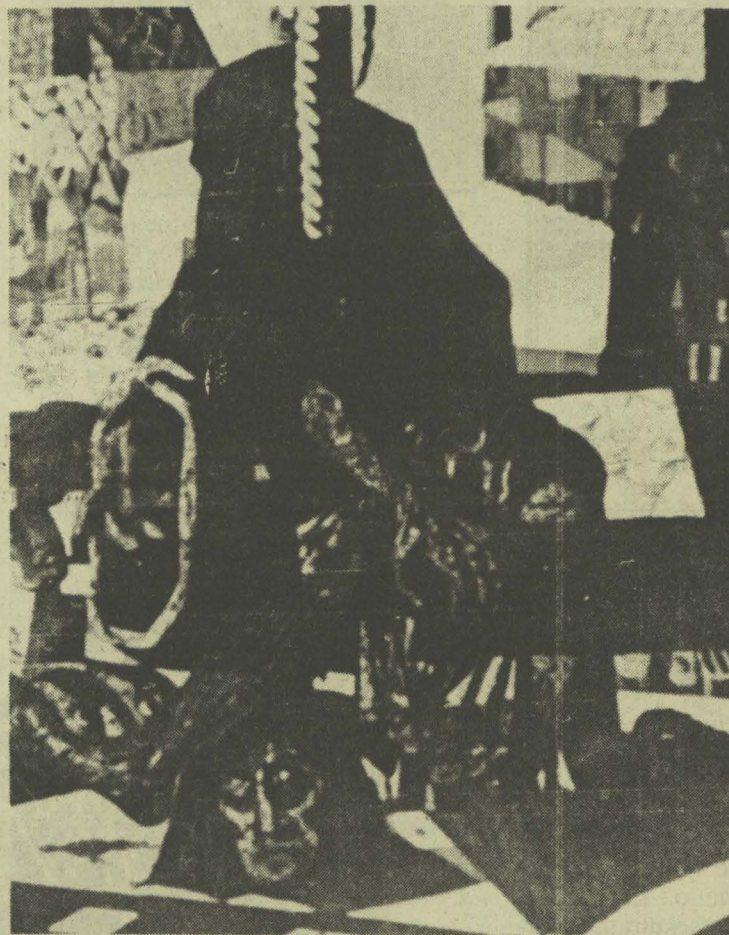
Qual foi o destino do grande traidor da conjuração mineira de 1789, o coronel português Joaquim Silvério dos Reis? Pouco se fala da sorte do delator, enquanto o destino dos inconfidentes é bastante conhecido. Alguns, como por exemplo o poeta Cláudio Manoel da Costa, faleceram na prisão, antes que se conhecessem suas sentenças. No caso do poeta, sua morte tem sido atribuída a um suicídio, mas vários historiadores, como Martins de Oliveira, afirmam que ele foi de fato assassinado na prisão.

A maioria dos demais envolvidos na rebelião mereceu penas de degredo perpétuo para as então colônias portuguesas de Angola, Moçambique e Ilhas de Cabo Verde. Tiradentes foi enforcado, sua cabeça cortada e o corpo dividido em quatro pedaços. As partes foram colocadas em sacos de couro com sal e expostas no alto de postes ao longo do caminho entre Rio de Janeiro e Vila Rica, na Praça da Cadeia, guardada por sentinelas.

E o que recebeu o traidor Silvério dos Reis?

Apesar de muito premiado pela Coroa Portuguesa, seguramente pagou caro pelo resto de sua vida. Por sua ignóbil delação, deram-lhe as seguintes recompensas: hábito da Ordem de Cristo, 200 escudos de pensão, levantamento de sequestro dos bens, título de fidalgo com foro e moradia e a nomeação para Tesoureiro-Mor da Bula de Minas, Goiás e Rio de Janeiro. Tudo isso era enorme vantagem para um coronel que a própria Coroa Portuguesa havia qualificado de "fraudulento" e "falsificador", num processo.

Mas Silvério não conseguiu mais viver em Minas. Suas terras foram invadidas e seus escravos fugiram. Isso apesar do traidor ter a proteção pessoal e amparo de D. João VI. Odiado em Minas, transferiu-se para o Maranhão, onde também não conseguiu tranquilidade, acabando seus dias em Portugal, servindo à Coroa, sempre. (Márcio Gomes)



Tiradentes esqueteado: detalhe de um mural de Portinari

O povo conquistará a verdadeira independência

Desde o sacrifício de Tiradentes, não cessaram as lutas entre as forças da revolução e do progresso e as da reação e do atraso. Milhões de brasileiros, destemidos patriotas, ocuparam seu posto de honra no combate pela independência, a liberdade e o bem-estar social.

O povo brasileiro está no pórtico da vitória. Suas forças se multiplicam,

suas idéias se tornam mais claras, seus objetivos ficam mais nítidos. Sente cada cada vez mais a necessidade de união para tornar vitoriosa a sua luta revolucionária. Está decidido, mais do que nunca, a cumprir a sagrada e urgente tarefa de liquidar o regime dos generais fascistas e conquistar a verdadeira emancipação nacional.

(Pedro Pomar, 1972)



O veterano goleiro Leão, um dos grandes preteridos por Telê

Leão, a grande falta na seleção do Telê

Já são conhecidos dezessete nomes da Seleção Brasileira com as convocações de Sócrates e Careca e com a intenção declarada de Telê de chamar Falcão e Dirceu, atualmente atuando no futebol europeu. Sabendo-se que Júnior, Zico, Leandro e Paulo Isidoro têm passagem garantida, resta apenas uma vaga para ser disputada por Adílio e Batista, provavelmente.

A lista não apresenta, como era de se esperar, nenhuma grande surpresa, uma vez que todos haviam sido anteriormente testados nos diversos amistosos da seleção, com exceção de Falcão e Dirceu, que estão fora do país.

Entretanto, a despeito da aparente unanimidade que Telê conseguiu em aprovação aos seus métodos de direção e aos resultados até aqui obtidos, não faltaram algumas discordâncias, como é tradição em nosso futebol. A principal delas aparece na insistência do técnico em não convocar Leão e não explicar convincentemente os motivos porque não o faz. Com efeito, o veterano e experiente goleiro tem como bagagem um dos currículos

mais vitoriosos do futebol brasileiro, tendo disputado três Copas do Mundo e ganhou inúmeros campeonatos jogando no Palmeiras e no Grêmio de Porto Alegre.

Em todas as convocações Telê tem sido pressionado a explicar a marginalização de Leão, e invariavelmente não convence. A impressão generalizada é a de que as características de liderança de Leão contrastam com o estilo de trabalho de Telê. Ele se fundamenta na sua autoridade inquestionável de técnico sobre os jogadores. Inclusive nos assuntos extra-campo, como aconteceu nas suas reprovações ao comportamento de Reinaldo, que, aliás, desde então, não mais foi lembrado em nenhuma convocação.

Torneio dos Campeões: mais um casuísmo da CBF

A Taça de Ouro e a Taça de Prata terminaram no dia 21 e um novo torneio, reunindo equipes de diversos estados do Brasil, já tem seu início marcado para o dia 24. Restando quase dois meses para o início da Copa da Espanha, o futebol brasileiro está paralisado. Menos para os clubes apadrinhados da CBF, contemplados com um autêntico caça-níqueis; a Taça dos Campeões.

A seleção brasileira já tem mais da metade dos seus convocados em fase de treinamentos para a Copa. Isso a despeito da doença de Telê e da impossibilidade de contar com os jogadores do Grêmio e Flamengo, que ainda disputam as finais da Taça de Ouro. Os jogadores que atuam no exterior — casos de Dirceu e Falcão — não podem também integrar-se aos convocados por estarem disputando o campeonato espanhol e italiano, respectivamente.

CBF SOCORRE GRANDES

Como é comum acontecer em ano de Copa do Mundo, o futebol brasileiro paralisa as suas emoções a partir da convocação da seleção. Ela atrai para si todas as atenções. Joga no desespero principalmente os clubes médios e pequenos uma vez que a CBF veio em socorro dos grandes de São Paulo e Rio, e mais meia dúzia de clubes protegidos, e organizou, casuisticamente, a assim chamada Taça dos Campeões. Um torneio mentiroso até no nome, já que quase um terço dos participantes nunca ganhou nenhum título nacional, critério usado para a escolha dos disputantes.

A Taça dos Campeões é tão descaradamente improvisada, que até o Flamengo se recusa a disputá-la. O Flamengo não quer castigar ainda mais seus jogadores, esgotados pela maratona da Taça de Ouro. Não distorce o desinteresse por uma competição de baixa rentabilidade financeira: o seu presidente chegou a declarar que o super-time da Gávea não pode pagar e nem perder para continuar dando certo — leia-se "lucros".



Zico não irá participar do Torneio

Na verdade, o que se descortina atrás de semelhante festival de interesses é a absoluta falta de um planejamento criterioso para o futebol. Um planejamento que leve em conta o aspecto esportivo para a elaboração dos calendários. Os campeonatos obedecem a fórmulas complicadíssimas de disputa que, no fim, contemplam com milhões um grupo reduzido de finalistas e penalizam demasiadamente os clubes médios e pequenos. O Flamengo e o São Paulo, por exemplo, fecharam o ano de 81 com lucros e devem repetir a performance em 82, enquanto que a maioria dos clubes dos dois Estados ficará sem jogar quase metade do ano.

SEM A COCA-COLA

Houve um tempo em que, a exemplo do que acontece na atualidade em todos os países europeus, os campeonatos eram disputados simplesmente em turno e retorno, com poucos jogos no meio de semana, e quem tivesse perdido menos pontos ganhava o título. Não havia, como hoje, times milionários, direito de escolher o local do jogo e nem jogador anunciando Coca-Cola. Por outro lado, nenhum jogador assinava contrato em nome de uma determinada equipe, nem havia artilheiros de campeonato com duas minguadas dezenas de gols.

(Jessé Madureira)

Invasão de mercado sufoca o teatro da Bahia

O teatro da Bahia passa por uma grande dificuldade, principalmente devido à invasão do mercado local por montagens do Sul do país, e pela Rede Globo. É o que denuncia o ator Benvindo Sequeira, criador do Teatro de Rua, e participante de vários festivais internacionais.



Benvindo: crise da Bahia é igual à de todo o país

Para Benvindo Sequeira, o teatro da Bahia está sofrendo com a dominação econômica do sul do país: "Desde quando o sr. José Burity assumiu a direção do Teatro Castro Alves, vem desenvolvendo uma política de 'portas abertas' às montagens do eixo Rio-São Paulo, em detrimento da produção local. Todos os incentivos são dados para que o mercado seja ocupado pelas produções mais aparelhadas do Sul".

95% DE DESEMPREGADOS

A Associação dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões da Bahia, **Apatedeba**, fundada e presidida por Benvindo, tem 900 associados. "Destes, 360 são da área de teatro, com um percentual de 95% de desempregados e subempregados. O teatro da Bahia, apresenta-se com baixa qualidade artística e de produção, com um empresário quase inexistente e dependente de escassas verbas

do Estado. Contribuindo para esse quadro pouco animador junto-se a 'falência' da Escola de Teatro, que era a melhor do Brasil, e os sinais de crise no tradicional Teatro Vila Velha".

Também para o teatro amador a situação não está boa, segundo Benvindo: "Depois que surgiu a lei 6.533, que regulamenta a profissão de artista, todo mundo queria ser profissional. Mas este ano começam a surgir, a partir do Projeto Rondon e do Mobrili, grupos amadores bem estruturados, que a continuar assim pode vir dar uma boa contribuição à tonificação do teatro amador da Bahia".

No plano profissional, estão previstas para este ano as montagens de "O Balcão", de Genet, "Macbeth", de Shakespeare, e "Contos de Edgar Allan Poe" por grupos teatrais da Bahia. "Em sua maioria produções que ficarão apenas duas ou três semanas em cartaz, e que não atingirão a cifra de mil es-

pectadores em toda a temporada. Envolverão um capital em torno de seiscentos mil a um milhão de cruzeiros, dos quais apenas 20 ou 30% serão destinados ao pagamento dos artistas e técnicos. As produções locais são sufocadas pelas do Sul, pela Rede Globo", conta o presidente da Apatedeba.

PELO TEATRO NACIONAL

Benvindo salienta que essas peças só serão montadas em Salvador, "pois no interior o quadro é ainda mais caótico. Ao que eu saiba, nenhum município baiano possui um teatro, tornando ainda mais difícil a descentralização cultural. Acredito que esse quadro da Bahia reflete bem a situação em outros Estados do Brasil. E é por aí que teremos de começar, quando quisermos falar em teatro nacional. Um teatro que deve ser nacional, democrático e popular". (Da sucursal de Salvador)

Os ianques e seu "Grande Porrete"

O intervencionismo de Ronald Reagan em El Salvador, Nicarágua, etc. não é novidade. Há um século e meio os Estados Unidos invadem, saqueiam, bombardeiam e massacram os povos da América Latina, e principalmente os da América Central e Caribe. A *Tribuna* fez um levantamento desta carreira de crimes do imperialismo ianque através dos anos.

"Fale macio e use um porrete", dizia o presidente americano Theodore Roosevelt, personagem desta caricatura. No mapa, algumas das principais agressões dos EUA na América Central durante este século.

Os americanos invadiram todos os países da área, sem exceção. O México, que faz fronteira com os EUA, foi a principal vítima, com um total de 25 invasões armadas. Depois vem Honduras, com 13, a Nicarágua com 9, a República Dominicana com 7, Panamá, 3, Cuba, 4, Haiti e Guatemala 3 cada e, na "lanterninha", Costa Rica, El Salvador e Porto Rico com uma invasão cada. Ao todo foram 73 agressões americanas.

A agressividade ianque, não pode ser medida pelo número de invasões a cada país. Alguns países foram invadidos menos vezes porém ficaram mais tempo ocupados por tropas americanas. O Haiti, por exemplo foi vítima de uma ocupação militar de 1915 e 1934, enquanto o México, só em 1918, foi invadido nove vezes. O caso mais grave é exatamente o de Porto Rico que só foi invadido uma vez, em 1898, mas continua até hoje como colônia dos EUA.

Já em 1847 os ianques abocanhavam a metade das terras mexicanas. E o pirata americano Walter tomou conta de três países, onde restaurou a escravidão.

O intervencionismo ianque na América Central teve dois grandes surtos. O primeiro foi em meados do século passado e tinha por base o chamado "destino manifesto" — doutrina que afirmava que o destino dos EUA era expandir-se pela América. Assim, em 1847 os americanos abocanharam mais da metade do território do México, onde hoje ficam os Estados da Califórnia, Novo México, Arizona e Colo-

rado. No caso do Texas, o governo de Washington enviou uma expedição de mercenários para forjar um movimento separatista. Proclamada a "independência", em 1840, os EUA em seguida anexaram o Texas.

Data deste mesmo período a ação de uma figura lendária e sinistra do expansionismo americano — o pirata ianque William Walker, financiado e apoiado pelo governo dos EUA. Walker tentou se apoderar de novos territórios do México, em 1853, mas foi derrotado. Em 1854 ele foi mandado para a Nicarágua e dois anos mais tarde autoproclamou-se presidente daquele país e também de El Salvador e Honduras! Uma de suas medidas foi restaurar a escravidão, que estava abolida desde 1823.

Em 1857, patriotas de diversos países centro-americanos se uniram e conseguiram expulsar o pirata, que foi recebido como herói nos EUA. Animado pela recepção, ele voltou a invadir Honduras no mesmo ano.

Na época do Big Stick, o "Grande Porrete", os fuzileiros navais dos Estados Unidos semearam o pânico e o terror em praticamente toda a América Central.

O segundo grande surto de invasões norte-americanas se deu no início deste século. Foi à época da política do *Big Stick*, formalizada pelo presidente norte-americano Theodore Roosevelt. Segundo ela, os Estados Unidos se acharam no direito de policiar e tutelar a vida interna de todos os países americanos. Para colocar esta política em prática, os *marines*, fuzileiros navais norte-americanos, semearam o pânico e o terror em praticamente todos os países da América Central e Caribe. Só livraram a cara dos territórios colonizados por outras potências imperialistas, como Inglaterra e França.

Em 1898, os *marines* ocuparam Cuba e Porto Rico, em nome da luta contra o domínio espanhol. Em 1902, organizaram um movimento separatista na região do Panamá — então pertencente à Colômbia —, porque o governo colombiano negava-se a con-

ceder aos Estados Unidos o direito para a construção de um canal interoceânico. Uma vez proclamada a "independência" do Panamá, em 1903, o novo governo entregou aos americanos a soberania sobre a Zona do Canal.

Hoje os EUA preferem se apoiar nas forças armadas reacionárias do continente para fazer seu jogo sujo, em vez de interferir direta e abertamente.

Em 1916, o general americano John Pershing invadiu o norte do México com mais de 12 mil soldados para caçar o líder camponês revolucionário Pancho Villa. Um ano depois os americanos batiam em retirada, derrotados. Já em 1927 os EUA promoveram na Nicarágua o primeiro bombardeio aéreo da história do continente americano, arrasando com a cidade de El Ocotal, que fora libertada pelas forças patrióticas de Augusto Sandino.

De 1940 para cá se registraram mais três casos de intervenção direta de soldados ianques: o ataque contra o governo nacionalista de Jacobo Arbenz na Guatemala; em 1954; a fracassada invasão da Baía dos Porcos em Cuba, 1961, e a invasão da República Dominicana em 1965, esta última com a complicidade de tropas brasileiras chefiadas pelo coronel Meira Mats.

O número menor de invasões não reflete um "abrandamento", mas simplesmente uma mudança de tática dos EUA. Em vez de utilizar diretamente suas tropas, eles passaram a se apoiar mais a fundo nas forças armadas reacionárias do continente para fazer seu jogo sujo. Aqui se enquadram os golpes militares instigados por Washington em toda a América Latina, a exemplo das quarteladas de 1964 no Brasil, 1973 no Chile e 1976 na Argentina.

Esta história de sangue e podridão explica melhor porque Ronald Reagan e as multinacionais americanas comportaram-se tão truculentamente em relação aos povos rebelados da América Central. Os EUA pretendem continuar a mesma política do "Destino Manifesto" e do *Big Stick*.

Primeiros de Maio que viraram história

Há 92 anos a classe operária e os trabalhadores do mundo inteiro comemoram no 1º de Maio seu Dia Internacional de Solidariedade. No Brasil, esta será a 75ª vez que a data é marcada pelos protestos dos explorados. A cada ano o 1º de Maio oferece um retrato vivo do movimento operário e sindical, de seus pontos fortes e débeis, de sua marcha tempestuosa e heroica rumo à emancipação social.

1925

Nasce A Classe Operária

No comício da Praça Mauá, Rio de Janeiro, uma novidade agita os 5 mil trabalhadores presentes. É um novo jornal, *A Classe Operária*, que se apresenta como órgão central do Partido Comunista do Brasil, fundado três anos atrás. No palanque, o orador puxa vivas ao novo partido e seu jornal.

Ao contrário dos demais órgãos da imprensa operária da época, *A Classe Operária* sobrevive a todas as perseguições, empastelamentos, proibições e até à prisão, tortura e assassinato de seus redatores e gráficos. Circula até hoje, tendo atravessado inclusive, na mais rigorosa clandestinidade, o período de ditadura militar e fascismo após o golpe de 1964. É o mais antigo órgão de imprensa dos trabalhadores brasileiros.

1945

"democracia" dos patrões

O 1º de Maio de 1945 ocorre numa situação nova. Na Europa, o nazifascismo agoniza. No Brasil, a ditadura desmorona. Acaba de triunfar a anistia geral, o PC do Brasil conquista na prática a legalidade, sucedem-se as greves e manifestações de protesto, ganha corpo a campanha pela Assembleia Constituinte.

Porém em outubro do mesmo ano um golpe militar dito "democrático" tenta barrar este ascenso. E o 1º de Maio de 1946 é descrito assim pela revista *Manchete*: "O governo democrático acabou com os festins dema-

gógicos (!) e trancou o Primeiro de Maio a sete chaves, não permitindo reuniões públicas. As forças armadas e a polícia civil ficaram em rigorosa prontidão, a pretexto de manifestações comunistas programadas".

1964

A orgia dos ditadores

Apenas um mês após o golpe de 1º de abril, o marechal Castelo Branco comparece à Praça da Sé, em São Paulo, para derramar demagogia. No palanque, junto com altas patentes do Exército, rematados pelegos como Antonio Pereira Magaldi, do mal-chamado "Movimento Sindical Democrático", financiado pela Embaixada Americana. Não é a festa dos trabalhadores, mas a orgia dos patrões, dos golpistas e traidores, dos homens do golpe de 1964.

Os operários, dentes cerrados, lem-



Em 1980 (acima) bandeiras e punhos cerrados; em 1968, a fuga do governador Sodrê

bram seus companheiros presos às centenas, suas entidades sindicais colocadas sob intervenção.

1968

O dia que Sodrê correu

Na mesma Praça da Sé, quatro anos depois, os governantes de turno têm uma desagradável surpresa. Quinze mil trabalhadores expulsam do palanque o governador Abreu Sodré e os pelegos liderados pelo mesmo Magaldi. Ecoam os gritos de "fora Sodré", "fora interventor", "traidor" e "vendido", enquanto chovem pedras, paus, tomates, batatas e ovos.

É o movimento operário, revigorado pela recente greve dos metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem (abril de 1968), que retoma na marra o controle da sua tradicional festa de combate. Naquele dia, em São Paulo, os arrochados, injustiçados e perseguidos têm novamente a palavra. Ao final, uma grande passeata sai da Praça, deixando para trás as cinzas do palanque.

1980

A tomada de S. Bernardo

De todos os 75 Primeiros de Maio do movimento operário brasileiro, é talvez o que mais se destaca. As manifestações se alastram pelo país inteiro, nas capitais e no interior, mas todos os olhos estão voltados para São Ber-

nardo. Ali, no coração da classe operária, os metalúrgicos estão há 30 dias em greve, enfrentando as multinacionais do automóvel, as tropas da Polícia Militar e do II Exército.

A manifestação no Estádio Vila Euclides, de São Bernardo, está terminantemente proibida. A tropa tomou conta da cidade e barreiras policiais interrompem o acesso à cidade. Mas o povo trabalhador desde bem cedo vai furando o bloqueio e concentra-se na Praça da Matriz. O plano é sair dali em passeata até o estádio onde está marcada a manifestação. A praça está lotada. De um lado, a polícia com suas bombas de gás lacrimogênio e cassetetes, cães, cavalos e blindados. Do outro as famílias operárias, homens e mulheres, crianças de colo. A tensão corta o ar.

Começam as provocações, as agressões. O cheiro acre do gás lacrimogênio satura o ambiente. A multidão grita em coro — "Tem criança!" — mas não arreda um passo.

Até que às 11 horas, chega a notícia de que a manifestação será permitida. A tenacidade heroica dos explorados venceu a obstinação dos órgãos repressivos. Num instante, como por encanto, a polícia desaparece. É a manifestação tem início, gigantesca, magestosa. Naquele dia, a cidade pertence aos trabalhadores. E o 1º de Maio de 1980 fica inscrito para sempre na história da nossa classe operária.

Leiam na página 5 os preparativos, os problemas e as perspectivas do 1º de Maio este ano.



1907

O primeiro Primeiro de Maio

A primeira passeata de 1º de Maio da história do Brasil desfila pelas ruas do Rio de Janeiro, na época a capital da República, em 1907. No ano anterior, também no Rio, o primeiro Congresso Operário Brasileiro decidira passar a comemorar com ações de protesto a luta a data internacional da solidariedade proletária.

No mesmo dia, em São Paulo, estoura uma greve pela jornada de oito horas de trabalho que se espalha por Santos, Ribeirão Preto e Campinas, paralisando operá-



1907: a primeira passeata de 1º de Maio no Brasil